

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO –

FECAP

MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO

DERSON DA SILVA LOPES JUNIOR

**NÍVEL DE CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS JOVENS DA
GERAÇÃO Y ESTUDANTES DE UM CENTRO
UNIVERSITÁRIO NA ZONA SUL DE SÃO PAULO**

São Paulo

2014

DERSON DA SILVA LOPES JUNIOR

**NÍVEL DE CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS JOVENS DA
GERAÇÃO Y ESTUDANTES DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO NA
ZONA SUL DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada como requisito para
conclusão do Mestrado Profissional em
Administração da Fundação Escola de Comércio
Álvares Penteado – FECAP.

Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias

São Paulo

2014

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO – FECAP

Reitor: Prof. Edison Simoni da Silva

Pró-reitor de Graduação: Prof. Taiguara de Freitas Langrafe

Pró-reitor de Pós-graduação: Prof. Edison Simoni da Silva

Diretor da Pós-Graduação Lato Sensu: Prof. Alexandre Garcia

Coordenador de Mestrado em Ciências Contábeis: Prof. Dr. Cláudio Parisi

Coordenador do Mestrado Profissional em Administração: Prof. Dr. Heber Pessoa da Silveira

FICHA CATALOGRÁFICA

L864n

Lopes Junior, Derson da Silva

Nível de conhecimento financeiro dos jovens da geração y
estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo /
Derson da Silva Lopes Junior. - - São Paulo, 2014.

80 f.

Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias.

Dissertação (mestrado) – Fundação Escola de Comércio Álvares
Penteado - FECAP - Mestrado Profissional em Administração.

1. Educação financeira. 2. Administração financeira. 3. Finanças
pessoais. 4. Geração Y.

CDD 332.07

DERSON DA SILVA LOPES JUNIOR

**NÍVEL DE CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS JOVENS DA GERAÇÃO Y
ESTUDANTES DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO NA ZONA SUL DE SÃO
PAULO**

Dissertação apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, como requisito para a obtenção do título de mestre em administração de empresas

COMISSÃO JULGADORA

**Prof. Dr. José Roberto Ferreira Savóia (membro externo)
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA/USP**

**Prof. Dr. Edson Sadao Iisuka (membro interno)
Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP**

**Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias
Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP
Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora**

São Paulo, 17 de outubro de 2014

Aos meus alunos que me desafiam constantemente na
busca pelo conhecimento para ser capaz de conduzi-
los no processo de alcance da excelência profissional
e acadêmica

AGRADECIMENTOS

A Deus, que concede dons e habilidades, saúde e capacitação, inteligência e atitude e nos dota do desejo intenso de crescer diariamente em capacidade e utilidade.

Ao Centro Universitário Adventista de São Paulo – Unasp Campus São Paulo por oferecer a oportunidade do crescimento acadêmico e profissional de seus docentes, disponibilizando tempo e recursos financeiros para a conclusão deste mestrado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias por sua disponibilidade, capacidade e competência traduzidas em observações e correções essenciais para o correto desenvolvimento deste trabalho.

Aos membros da banca, Prof. Dr. José Roberto Ferreira Savóia e Prof. Dr. Edson Sadao Iizuka pela disposição em participar desta pesquisa com suas observações e conselhos relevantes e fundamentais.

Ao colega Gamaliel Campos por sua colaboração para o desenvolvimento dos métodos quantitativos deste trabalho.

Aos docentes da FECAP pelos conteúdos apresentados visando o desenvolvimento acadêmico e a transformação dos mestrandos.

Aos meus pais, Derson e Célia, irmã, cunhado e sobrinho, Giselle, Fábio e Luiz Felipe pelo suporte incondicional sem o qual nenhum objetivo pessoal poderia ser alcançado.

RESUMO

Estudos e trabalhos acadêmicos tem sido empreendidos para avaliar o nível de conhecimento financeiro de variados nichos da população e com isso analisar a capacidade desses grupos em lidar com os desafios econômicos. Dentre as classificações aplicadas à sociedade, a organização por gerações tem sido utilizada para estudos várias naturezas comportamentais. A geração Y tem sido um grupo representativo e crescente na sociedade e no mercado de trabalho devido ao seu crescimento e peculiaridades. Este trabalho teve por objetivo analisar o nível de conhecimento financeiro de uma amostra aleatória de jovens estudantes de um centro universitário localizado na zona sul de São Paulo. Foi utilizada como técnica de levantamento de dados a aplicação de questionários a 464 jovens. As respostas obtidas foram analisadas através de técnicas multivariadas e regressão logística binária quanto ao seu desempenho e em relação às variáveis faixa etária, gênero e curso. Após as análises e tratamentos estatísticos concluiu-se que esse grupo de jovens possui baixo nível de conhecimento financeiro, nível alcançado por 73,06% dos respondentes. Os resultados deste trabalho poderão contribuir para as instituições financeiras e de crédito, para moldar os produtos e serviços oferecidos à geração Y; os governos, demonstrando a necessidade de orientação dos jovens quanto a questões financeiras; os próprios jovens dessa geração, alertando-os quanto a necessidade de ampliar suas bases de conhecimento financeiro e para empresas que oferecem produtos e serviços para os jovens.

Palavras-Chave: Conhecimento Financeiro. Educação Financeira. Geração Y.

ABSTRACT

Studies and academic papers has been undertaken to assess the level of financial knowledge of various groups of the population and thereby analyze the ability of these groups to deal with the economic challenges. Among the classifications applicable to the company, the organization has for generations been used to study various behavioral natures. Millennium generation has been a representative and growing group in society and in the labor market due to its growth and peculiarities. This study aimed to analyze the level of financial knowledge to a random sample of young students from a university in the south zone of São Paulo. The application of questionnaires to 464 young people was used as a technique for data collection. The responses were analyzed using multivariate techniques and binary logistic regression about their performance and in relation to the variables of age, gender and stroke. After analysis and statistical treatments it was concluded that this group of young people has a low level of financial knowledge level achieved by 73.06 per cent of respondents. The results of this study may contribute to the financial and credit institutions, to shape the products and services offered to millennium generation; governments, demonstrating the need for teaching young people about financial matters; young people themselves that generation, warning them about the need to broaden its base of financial knowledge and for companies offering products and services for young people.

Keywords: Financial Knowledge. Financial Education. Millennium Generation.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Princípios e Recomendações de Educação Financeira	21
QUADRO 2 – Análise de produções com o termo alfabetização financeira	27
QUADRO 3 – Análise de produções com o termo educação financeira	28
QUADRO 4 – Gerações no contexto americano	39
QUADRO 5 – Classificação das gerações no contexto brasileiro	40

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Distribuição das respostas sobre educação financeira	34
TABELA 2 – Estatística Descritiva Idade	54
TABELA 3 – Distribuição da amostra por grupos de classificação	55
TABELA 4 – Distribuição dos participantes por faixa etária	56
TABELA 5 – Distribuição das respostas aos questionários por faixa etária	56
TABELA 6 – Distribuição de número de acertos por questionário por faixa etária	57
TABELA 7 – Distribuição das respostas aos questionários por gênero	58
TABELA 8 – Distribuição de número de acertos por questionário por gênero	59
TABELA 9 – Distribuição das respostas aos questionários por curso	60
TABELA 10 – Distribuição de número de acertos por questionário por curso	61
TABELA 11 – Regressão logística 1	62
TABELA 12 – Regressão logística 2	63
TABELA 13 – Distribuição das respostas dos questionários	65
TABELA 14 – Distribuição do número de acertos	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	12
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.3 OBJETIVOS	14
1.3.1 OBJETIVO GERAL	14
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
1.4 HIPÓTESES	14
1.5 JUSTIFICATIVA	15
1.6 CONTRIBUIÇÕES	15
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA	17
2.1.1 IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA	18
2.1.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL	22
2.1.3 DEFINIÇÃO DE TERMOS	24
2.1.4 DETERMINANTES E MENSURAÇÃO DO CONHECIMENTO FINANCEIRO	30
2.2 GERAÇÃO Y	37
2.2.1 CONCEITO DE GERAÇÃO	37
2.2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS GERAÇÕES	38
2.2.3 PERFIL DA GERAÇÃO Y	41
2.2.4 A GERAÇÃO Y E AS FINANÇAS	42
3 METODOLOGIA	46
3.1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	46
3.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	47
3.3 AMOSTRA DE PESQUISA	47
3.4 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA	48
3.5 LEVANTAMENTO DE DADOS	49
3.6 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	51
3.7 TRATAMENTO DOS DADOS	52
4 ANÁLISE DE DADOS	54
4.1 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA	54

4.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR FAIXA ETÁRIA	55
4.3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR GÊNERO	58
4.4 ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR CURSO	59
4.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA	62
4.6 ANÁLISE GERAL DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS ...	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72
ANEXO A	80

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A educação financeira é uma dimensão cada vez mais investigada como um dos determinantes da formação e do desenvolvimento do capital humano. O assunto tem se tornado mais importante desde a crise financeira global e diante do atual ambiente de turbulência financeira no qual os indivíduos são mais frequentemente obrigados a tomar decisões financeiras que afetam sua riqueza no presente e no futuro.

No Brasil, a educação financeira evoluiu rapidamente na última década. No início as ações eram isoladas e dependentes de um número pequeno de entidades que a promoviam. Posteriormente, houve a criação da estratégia nacional de educação financeira (ENEF) que propiciou a rápida expansão dos conceitos e de iniciativas de disseminação do conhecimento financeiro para os diversos segmentos da população (BRASIL, 2010).

Esta evolução foi corroborada por dois fenômenos sociais: a forte inclusão financeira de mais de 30 milhões de brasileiros nos últimos anos que anteriormente não estavam inseridos no universo bancário e a afluência da classe média estimada atualmente em mais de 70 milhões de brasileiros.

Desde 2004 houve também um forte crescimento do número de universitários no país, sendo que muitos deles são a primeira geração que frequenta um curso universitário. Esta transformação social e cultural torna mais relevante a mensuração do nível de educação financeira pois em boa parte estes jovens não tiveram o legado de amplos conhecimentos sobre o tema por parte de seus pais.

Além das mudanças citadas, as novas gerações têm demonstrado valores e perfis diferentes daqueles encontrados no passado. A busca por qualidade de vida, liberdade e flexibilidade está gradualmente substituindo os valores fundamentais do trabalho e da segurança de um emprego vitalício (SCHIFFMAN; KANUK, 2009; CENNAMO; GARDNER, 2008).

Motivações de consumo, percepção de risco e valor do dinheiro também estão mudando gradualmente. Jovens pertencentes à Geração Y tem demonstrado maior autoestima, disposição para assumir riscos, muitas vezes impulsionados pela gratificação instantânea de aproveitar a vida e manter uma imagem social (TWENGE; CAMPBELL, 2008; HERBIG; BORSTORFF, 1995; HEANEY, 2007).

Esse novo grupo social é também mais educado, talentoso e tecnologicamente mais experiente do que seus antecessores. Infelizmente, em muitos casos, a sua educação tem contribuído para a sua incapacidade de tomar decisões, especialmente financeiras (HERBIG; BORSTORFF, 1995; HEANEY, 2007).

Embora esforços estejam sendo empreendidos, o nível de endividamento entre os jovens é cada vez maior. Cerca de um quarto das falências pessoais declaradas no mundo são de jovens com até 25 anos de idade (SHRYK, 2008). Esses dados permitem inferir que é necessário empreender um estudo exploratório que denote uma compreensão mais ampla sobre o domínio do conhecimento básico de gestão de finanças por parte dos jovens.

Dentro do cenário nacional, a cidade de São Paulo ocupa uma posição de destaque devido a grande concentração de empresas, renda, população, entre outros. Segundo dados do Datafolha (2009), São Paulo pode ser considerada uma cidade jovem, tendo 47% de seus habitantes com idade entre 16 e 34 anos, esse percentual é ainda mais intenso em duas das oito regiões da cidade, o extremo leste e o extremo sul, com 58% dos habitantes sendo parte dessa faixa etária.

Além das questões econômicas e etárias, São Paulo também caracteriza-se pelo grande número de imigrantes e migrantes, possuindo uma miscigenação formadora de um verdadeiro mosaico cultural e sociológico (DATAFOLHA, 2009). Esses dados fazem de São Paulo um importante centro para estudos socioeconômicos, pois de seu desempenho depende fortemente toda a economia do Brasil.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Em função do contexto apresentado no item anterior, este estudo se propõe a responder ao seguinte problema de pesquisa: Qual o nível de conhecimento financeiro encontrado entre os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na região sul de São Paulo?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o nível de conhecimento financeiro encontrado entre os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na região sul de São Paulo.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Compreender os termos relacionados com a educação financeira
2. Compreender diferenças de perfil dos jovens da geração Y
3. Estudar as relações dos jovens da geração Y com a educação financeira

1.4 HIPÓTESES

Analisando o nível de conhecimento financeiro dos jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo, tem-se duas hipóteses:

H_0 : Os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo possuem um nível de conhecimento financeiro considerado baixo.

H_1 : Os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo possuem um nível de conhecimento financeiro considerado moderado ou alto.

1.5 JUSTIFICATIVA

A educação financeira não é frequente como deveria, 50% da população diz nunca ter discutido esse tema em casa e alguns deles aprenderam sobre finanças pessoais na escola. Apenas cerca de 12% dos alunos tem algum tipo de educação formal sobre o dinheiro antes de se formarem no ensino médio. Esta falta de instrução em finanças pessoais ocorre apesar do fato de que a maioria dos jovens está disposta a aprender (SHRYK, 2008).

É importante ressaltar que os jovens assumem cada vez mais um papel importante no consumo mundial e auxiliá-los no processo de aprendizado para que desenvolvam um controle saudável de suas finanças é fundamental para garantir o crescimento econômico. Antes de empreender esforços para a formação financeira dos jovens, é necessário compreender qual o nível de conhecimento financeiro que possuem e o tamanho do desafio a ser enfrentado. Este estudo torna-se importante por seu caráter pioneiro ao oferecer uma análise do nível de conhecimento financeiro dos jovens da geração Y no contexto de uma grande metrópole como cidade de São Paulo.

1.6 CONTRIBUIÇÕES

Os resultados deste trabalho poderão contribuir para as instituições financeiras e de crédito, para moldar os produtos e serviços oferecidos a

esse público; os governos, demonstrando a necessidade de orientação dos jovens quanto a questões financeiras; os próprios jovens dessa geração, alertando-os quanto a necessidade de ampliar suas bases de conhecimento financeiro; Empresas que oferecem produtos e serviços para os jovens.

1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho tem suas seções distribuídas da seguinte forma: o capítulo 1 corresponde à Introdução e apresenta o problema, os objetivos, as hipóteses, a justificativa, e a estrutura do trabalho; No capítulo 2 é apresentado o referencial teórico, analisando o tema da educação financeira e conceituando a geração Y, identificando possíveis relações cruzadas entre os dois assuntos; o capítulo 3 detalha os aspectos metodológicos, a amostra, os parâmetros e as limitações da pesquisa; a descrição da análise dos dados obtidos a partir da pesquisa e o tratamento estatístico são apresentados no capítulo 4; o capítulo 5 apresenta as conclusões do trabalho, com as suas contribuições, limitações e sugestões de futuros estudos e a seção de referências, que traz a bibliografia utilizada no desenvolvimento do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta o referencial teórico base para o desenvolvimento desse estudo. São abordadas as variações temáticas relacionadas aos temas de educação financeira e geração Y. Foram utilizados diversos artigos científicos e livros para encontrar as análises mais representativas e também atuais quanto aos temas propostos.

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Existem diversas definições para educação financeira. Em geral essas definições possuem uma essência em comum mas variam quanto a sua abrangência e grau de profundidade.

A Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE) define educação financeira como a combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para que as pessoas possam tomar decisões financeiras e com isso alcançar seu bem-estar financeiro individual. Este tópico procura demonstrar a importância da educação financeira, seu panorama no Brasil, esclarecer as definições relacionadas ao tema e abordar formas de sua mensuração (OCDE, 2011).

Remund (2010) afirma que educação financeira é a medida do grau em que um indivíduo entende os conceitos financeiros chave e possui a habilidade e confiança para administrar de forma apropriada suas finanças pessoais, por meio de decisões de curto-prazo e planejamento financeiro de longo prazo, em meio aos eventos que ocorrem em sua vida e às mudanças de condições econômicas.

A educação financeira também pode ser definida como a aplicação dos conhecimentos básicos sobre juros compostos, no contexto cotidiano das escolhas financeiras. (HUSTON, 2010; MCCORMECK, 2009). Para Hil (2009) possuir educação financeira significa que os indivíduos apresentam

habilidades ao fazer escolhas adequadas para administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de sua vida.

Essas definições, embora com variações, permitem concluir que é fundamental para o ser humano no contexto atual buscar conhecimento na área de finanças, sendo portanto a educação financeira uma necessidade, como apresentado no tópico a seguir.

2.1.1 IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A importância da educação financeira faz parte do senso comum. Ela é útil não só para uso ou compra de produtos financeiros mais sofisticados, mas também para os cálculos financeiros do cotidiano, tais como elaborar um orçamento familiar considerando a capacidade de pagamento de juros, o pagamento por cartão de crédito ou débito ou ainda avaliar os preços de serviços públicos, como eletricidade, gás e água (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

A educação financeira tornou-se uma preocupação crescente em diversos países, gerando um aprofundamento nos estudos sobre o tema. Embora haja críticas quanto à abrangência dos programas e seus resultados, é inegável a importância do desenvolvimento de ações planejadas de habilitação da população (OCDE, 2005). Mankiw (2001, p.543) afirma que “o investimento em educação é tão importante quanto o investimento em capital físico para o sucesso econômico a longo-prazo de um país”.

Segundo Savoia, Saito e Santana (2007), graças ao rápido desenvolvimento dos serviços financeiros em todo o mundo nos últimos anos, as exigências relativas à educação financeira aumentaram dramaticamente. Não só os produtos e serviços financeiros ficaram mais complicados, mas toda a indústria financeira está se espalhando ao redor do mundo.

Se considerarmos que os países pós-comunistas por exemplo, não tinham experiência relevante com os mercados financeiros e que os produtos financeiros e os mercados financeiros estão se desenvolvendo muito rápido

também em países menos desenvolvidos, as exigências relativas ao conhecimento financeiro são mais complexas e englobam cada vez mais pessoas (JU ING; ING, 2012).

Agarwal et al. (2009) concluíram que uma grande proporção de adultos não são educados financeiramente e que esse déficit no conhecimento financeiro leva a tomada de decisões financeiras não otimizadas. Os estudos têm demonstrado que o aumento do conhecimento financeiro tem um impacto positivo no que diz respeito à constituição de decisões financeiras mais vantajosas para as pessoas (MANDELL; KLEIN, 2009).

Apesar disso, governos e o setor privado enfrentam desafios significativos para motivar as pessoas a adquirir conhecimento financeiro (HILGERT, HOGARTH, e BEVERLY, 2003). Essa falta de interesse é mais intensa nos países com baixos níveis de desenvolvimento, mas, para Lusardi e Mitchell (2007), a falta de conhecimento financeiro é um mal presente também em países desenvolvidos. Os indivíduos em geral apresentam dificuldades para a elaboração de seu planejamento financeiro, o que implica em dificuldades no processo de acumulação de riqueza e no preparo em relação à fase da aposentadoria.

Esse fato é comprovado por Hilgert e Hogart (apud HUSTON, 2010). Em seu estudo, os autores analisaram dados levantados pela Universidade de Michigan sobre consumidores da região. Cerca de 1.000 pessoas foram entrevistadas com idades entre 18 e 97 anos. Foram feitas 28 perguntas objetivas de verdadeiro ou falso, examinando o conhecimento sobre o crédito, poupança, hipotecas, padrões e gestão financeira em geral.

Em geral, os entrevistados conseguiram responder apenas 2/3 das perguntas corretamente. Os temas mais compreendidos pelos participantes foram: hipotecas (81% de acertos), poupança (67% corretas), cartões de crédito (65% corretas) e gestão financeira em geral (60% de acerto). Fundos de investimento e mercado de ações foram os temas com maior dificuldade de compreensão.

Bernheim, Garret e Maki (2001) afirmam que até o ano de 1985 quase

60% dos estados americanos já haviam incluído a Educação Financeira como conteúdo obrigatório nas escolas secundárias, com o objetivo de preparar os jovens para a vida adulta. Eles constataram que esta medida contribui fortemente para que o indivíduo poupe e acumule riqueza na fase adulta. Também concluíram que a educação financeira proporciona crescimento pessoal e pode ser uma poderosa ferramenta para estimular a poupança pessoal. Neste país, como se pode observar, é dispensada grande atenção ao tema por se constatar que ele é capaz de trazer benefícios para toda a sociedade, especialmente no longo prazo.

Reconhecendo a necessidade de se desenvolver a poupança previdenciária e melhorar o entendimento dos indivíduos sobre os produtos financeiros, a OCDE criou em 2003 um projeto para estudar a educação financeira e propor programas aos seus países-membros. Observou-se que os países pesquisados estão adotando políticas para instruir a população quanto aos conceitos de crédito, de investimentos e de instrumentos de seguro. Baseada em pesquisas realizadas também em países não membros, a OCDE (2005) elaborou uma lista de princípios e recomendações que são apresentadas de maneira resumida no quadro a seguir:

QUADRO 1 – PRINCÍPIOS E RECOMENDAÇÕES DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

<p>1. A educação financeira deve ser promovida de uma forma justa, o desenvolvimento das competências financeiras dos indivíduos precisa ser embasado em instruções apropriadas e livres de interesses particulares.</p>	<p>2. Os programas de educação financeira devem se adequar à realidade de cada país, incluindo aspectos básicos de um planejamento financeiro, decisões de poupança, de endividamento, de contratação de seguros, previdência privada e conceitos elementares de matemática e economia</p>
<p>3. O processo de educação financeira deve ser considerado como um instrumento para o crescimento e a estabilidade econômica pelos órgãos administrativos e legais de um país, complementando seu papel de regulamentação do sistema financeiro e proteção ao consumidor.</p>	<p>4. O envolvimento das instituições financeiras no processo de educação financeira deve ser estimulado para que seja adotado como parte integrante de suas práticas de relacionamento com seus clientes, provendo informações financeiras que estimulem a compreensão de suas decisões, especialmente relacionadas ao longo prazo.</p>
<p>5. A educação financeira deve ser um processo contínuo que acompanhe as mudanças relativas aos mercados e suas complexidades.</p>	<p>6. Devem ser veiculadas campanhas de estímulo à busca da capacitação financeira, além do fornecimento de informações relevantes gratuitas</p>
<p>7. A educação financeira deve começar nos níveis mais básicos da educação para inserir desde cedo os indivíduos no contexto econômico-financeiro.</p>	<p>8. As instituições financeiras devem ser incentivadas a se certificar de que os clientes leiam e compreendam as informações disponibilizadas, em especial quando forem relacionadas ao longo prazo.</p>
<p>9. Os programas de educação financeira devem focar o planejamento financeiro pessoal, a poupança, a aposentadoria, o endividamento e a contratação de seguros, entre outros assuntos.</p>	<p>10. Os programas devem ser orientados para o desenvolvimento das competências financeiras, sendo elaborados da forma mais personalizada possível aos grupos em que são aplicados.</p>

Fonte: Adaptado de OCDE, 2005.

Observa-se pelo quadro apresentado que os princípios e recomendações da OCDE são bastante abrangentes e procuram traçar um perfil de formação que prepare as pessoas para uma gestão financeira

responsável.

É importante notar que o objetivo de qualquer política destinada a promover a educação financeira deve ser de conhecimento básico. Sabe-se que é muito custoso e com sucesso improvável transformar pessoas sem qualquer conhecimento financeiro em investidores profissionais; no entanto, pode-se ensinar-lhes alguns princípios sobre as noções básicas de controle financeiro, poupança e investimento (VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSI, 2011).

Antes de encerrar esta seção, cabe ressaltar que a educação financeira não é o único caminho para a estabilização financeira dos cidadãos. Um indício da veracidade dessa afirmação é a grande quantidade de recursos que a iniciativa privada investe em financiamentos de programas de educação financeira, apesar do fato de que os consumidores que desenvolvem corretos comportamentos financeiros pessoais tornam-se menos rentáveis para a indústria.

Muitas empresas apoiam esses programas para utilizá-los como meios de marketing. Outra razão que não pode ser ignorada para esses investimentos é que as empresas temem enfrentar outras formas de regulação comercial caso não possam apontar a educação financeira como a cura para os problemas financeiros do consumidor (WILLIS, 2011).

2.1.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL

Segundo Savoia, Saito e Santana (2007), o Brasil encontra-se em um estágio inferior a países como Estados Unidos e Reino Unido no que tange a educação financeira. Nesses países o tema é obrigatório na grade de ensino de vários estados. A grande maioria dos bancos e diversas organizações estão comprometidas com a educação financeira, além de fortes investimentos em canais para estímulo à poupança. Parte do déficit brasileiro nesse assunto deve-se a fatores históricos e culturais. Os autores comentam:

O extenso período de inflação comprometeu a capacidade de planejamento econômico-financeiro de longo prazo. Com a abertura econômica, no início dos anos 1990, e o processo

de estabilização do Plano Real, o mercado financeiro nacional se transformou e criou novos instrumentos, aumentando a complexidade dos produtos oferecidos. Desse modo, os indivíduos e as famílias passaram a demandar maior conhecimento e informação atualizada, para tomarem as suas decisões financeiras de forma fundamentada e segura (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007, p.1137).

Mesmo com essas novas necessidades latentes quanto à educação financeira, o tema não foi incluído oficialmente nas grades curriculares de escolas, colégios e universidades. Existe uma atuação bastante incipiente do Ministério da Educação (MEC) ao empenhar-se em colocar esse tema como requisito para as instituições de ensino. Alguns organismos governamentais tem desenvolvido projetos na área de educação financeira, como a Comissão de Valores Imobiliários (CVM) e o Ministério da Fazenda por exemplo, mas são ainda poucas as iniciativas em visão da grande necessidade da população (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007). Algumas iniciativas para desenvolvimento desta área são sugeridas por estudiosos:

- incentivar a cultura de poupança na população;
- inserir a educação financeira nos programas de todos os níveis de ensino;
- desenvolver os conceitos de crédito, investimento e consumo por meio de escolas, universidades, mídia e outros setores;
- promover a coordenação de esforços entre governo e sociedade;
- monitorar a qualidade dos programas (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007, p.1138).

São necessários também maiores esforços no monitoramento das iniciativas do setor privado. O setor público tem extrema importância na divulgação, fortalecimento e consolidação da educação financeira no país, de forma especial, a participação das escolas e universidades é fundamental para o êxito do desenvolvimento do conhecimento financeiro da população (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

2.1.3 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Embora pareça um assunto simples, existe uma infinidade de termos relacionados a educação financeira, cada qual interpretado de maneira diferente conforme o conhecimento acumulado de cada pesquisador. O fato de que a maioria dos estudos nessa área estão na língua inglesa, torna ainda mais desafiadora a tarefa de uma padronização de nomenclatura, uma vez que existem diferentes significados relacionados a tradução dos termos.

Membros da OCDE concordaram que os diferentes termos usados para descrever o conceito de educação financeira, incluindo: alfabetização financeira, capacidade financeira, cultura financeira e visão financeira, poderiam ser usado indistintamente por refletir percepções similares da realidade que pretendem cobrir. Decidiram usar o termo em inglês *Financial Literacy* (na tradução literal para o português: alfabetização financeira), para efeitos de medição do conhecimento das pessoas quanto a finanças (BEHRMAN et al, 2010).

Os termos *financial literacy*, *financial knowledge* e *financial education*, são usados diversas vezes como sinônimos na mídia e literatura populares. Poucos estudiosos tentaram definir ou diferenciar estes termos, embora exista diferença entre eles. *Financial knowledge* é uma dimensão integral, envolve o conhecimento técnico de termos financeiros e compreensão de seus significados (HUSTON, 2010; YATES; WARD, 2011).

Financial literacy tem uma dimensão adicional que envolve a capacidade de aplicação que um indivíduo deve ter, assim como a confiança necessária para usar esse seu *financial knowledge* para tomar decisões financeiras (HUSTON, 2010; YATES; WARD, 2011). Compreende um padrão de conhecimento desejável para todos os consumidores que varia de acordo com as competências pessoais, necessidades e experiências de cada um.

O termo também tem sido associado a um conjunto de comportamentos relacionados com a economia, riqueza e escolha de composição de investimentos (KLAPPER; LUSARDI; PANOS, 2011). Não pode ser subestimada, pois uma pessoa que não a possua pode ser incapaz

de elaborar um orçamento de forma adequada para atender às suas despesas, identificar produtos ou serviços que atendam suas necessidades, desconhecer formas de obter e avaliar aconselhamento financeiro independente e, por consequência, tornar-se mais propensa a ser vítima de fraudes (ASIC apud OSEIFUAH, 2010).

Nga, Young e Sellapan (2010) observam que *financial literacy* no âmbito pessoal é definido de maneira diferente que no âmbito profissional. Para cidadãos comuns, espera-se a competência para realizar julgamentos racionais referentes à gestão do dinheiro. Isso inclui o conhecimento sobre orçamento, produtos financeiros e capacidade de fazer investimentos responsáveis para facilitar a realização de um objetivo. Profissionais que atuam como diretores e membros do comitê de auditoria de uma empresa devem ter um conhecimento mais amplo que envolva a compreensão das demonstrações financeiras, fluxos de caixa e gestão, compensação, além de mecanismos de controle interno e governança corporativa.

O termo *financial education*, para Worthington (2006), envolve a compreensão do contexto econômico e a forma como as decisões das famílias são afetadas pelas condições e circunstâncias econômicas. Schagen e Lines (1996) consideram *financial education* como a habilidade de fazer julgamentos fundamentados e de tomar decisões conscientes em relação ao uso e à gestão do dinheiro. Beal e Delpachitra (2003) afirmam que um cidadão com *financial education* deve ser capaz de desenvolver uma atitude voltada para a gestão eficiente e responsável dos recursos financeiros. Fox e Hoffman (2004) adicionam o fator comportamental influenciando nas decisões financeiras dentro de *financial education*.

Financial education seria, portanto, o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão acerca dos conceitos financeiros, além de desenvolver competências e confiança para ficarem mais atentos aos riscos e às oportunidades inerentes à gestão de recursos financeiros. São aptos a fazerem escolhas consistentes, sabendo a que local devem se dirigir para buscar ajuda e quais ações devem tomar para melhorar sua situação financeira. Assim, o objetivo da *financial education* é tornar os consumidores capazes de gerenciar seus

fluxos financeiros de modo racional e consciente durante suas vidas (MEIER; SPRENGER, 2012)

Remund (2010), baseado em uma pesquisa sobre termos utilizados em estudos sobre conhecimento em finanças, estabelece as seguintes categorias:

- Conhecimento de conceitos financeiros;
- Habilidade para comunicar conceitos financeiros;
- Atitude para gerenciar as finanças pessoais;
- Habilidade para tomar decisões financeiras apropriadas; e
- Confiança para planejar as necessidades financeiras futuras.

Tendo em vista essa classificação, Remund (2010) definiu *financial literacy* como o grau em que um indivíduo entende os conceitos financeiros mais importantes e possui habilidade e confiança para gerir adequadamente suas finanças pessoais, mediante a tomada de decisões de curto prazo e a realização de um planejamento financeiro de longo prazo, enquanto permanece atento aos eventos de sua vida e às mudanças das condições econômicas. Desta forma, o indivíduo pode possuir *financial knowledge*, mas, para ser considerado possuidor de *financial literacy*, deve possuir a habilidade e a confiança necessárias para aplicar seu conhecimento financeiro nas suas tomadas de decisões (OSEIFUAH, 2010).

Para Hung, Parker e Yoong (2009), *financial literacy* pode ser definida pelo preenchimento de quatro estágios, semelhantes aos de Remund (2010):

- Conhecimento financeiro;
- Atitude financeira;
- Comportamento financeiro; e
- Habilidade financeira,

Nos trabalhos científicos realizados no Brasil, não existe uma tendência em traduzir o termo *financial literacy* por seu significado literal de alfabetização financeira. Uma pesquisa exaustiva nas bases de dados Scielo, Spell e ProQuest revelou que existem nessas bases apenas dois artigos em português que utilizam o termo **alfabetização financeira**, ambos analisados

no quadro 2

QUADRO 2 – ANÁLISE DE PRODUÇÕES COM O TERMO ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Autores	Título/ Revista / Congresso	Objetivos	Definição de Alfabetização Financeira
Rosimara Donadio; Milton de Abreu Campanário; Armênio de Sousa Rangel	O papel do da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos consumidores brasileiros - REMark – Revista Brasileira de Marketing, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 75-93, jan./abril. 2012.	Realizar uma revisão teórica sobre a importância que o acesso ao cartão de crédito e o nível de alfabetização financeira têm no endividamento do consumidor brasileiro.	Medida do grau em que um indivíduo entende os conceitos financeiros chave e possui a habilidade e confiança para administrar de forma apropriada suas finanças pessoais, por meio de decisões de curto-prazo e planejamento financeiro de longo prazo, em meio aos eventos que ocorrem em sua vida e às mudanças de condições econômicas (REMUND, David L., 2010, p. 284, tradução nossa).
Ani Caroline Grigion Potrich; Kelmara Mendes Vieira; Paulo Sergio Ceretta	Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante?	Verificar se os estudantes universitários são alfabetizados financeiramente e se a alfabetização é afetada por variáveis socioeconômicas e demográficas.	Aplicação dos conhecimentos básicos sobre juros compostos, no contexto cotidiano das escolhas financeiras. O indivíduo pode possuir conhecimento financeiro, mas, para ser considerado alfabetizado financeiramente, deve possuir a habilidade e a confiança necessárias para aplicar esse conhecimento nas suas tomadas de decisões. Nesse sentido, a alfabetização financeira vai além da ideia básica de educação financeira (Huston, 2010; McCormeck, 2009).

Fonte: Elaborado pelo autor

Pode-se notar que os dois artigos tratam a alfabetização financeira sob ótica de interpretação utilizada na língua inglesa. O dicionário Webster da língua inglesa assim define o termo *Literacy*: “*the ability to read and write; knowledge that relates to a specified subject; the quality or state of being literate*” (WEBSTER, 2006)¹. Traduzido para o português como: A habilidade de ler e escrever, conhecimento que se relaciona a um assunto específico; a qualidade ou estado de ser alfabetizado.

Na língua portuguesa, o termo alfabetização é definido como: ação de alfabetizar, difusão do ensino primário, restrita ao aprendizado da leitura e escrita rudimentar” (HOUAISS, 2010)². Nota-se que a conotação do construto em português parece dar uma visão mais estreita e específica que a definição de seu frequente correspondente em inglês. Baseando-se nas definições oferecidas pelos autores estudados até este momento nesta pesquisa, é possível concluir que o conceito de *financial literacy* na língua inglesa está mais próximo da expressão educação financeira em português. Nesse caso um novo problema precisa ser solucionado, a utilização de um correspondente em português para *financial education*.

Em pesquisa nas base de dados Scielo, Spell e ProQuest foram encontrados três artigos que utilizam a expressão **educação financeira**,

¹ WEBSTER. **English Dictionary**. Webster press. 2006.

² HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática. 2010.

analisados no quadro 3.

QUADRO 3 - ANÁLISE DE PRODUÇÕES COM O TERMO EDUCAÇÃO FINANCEIRA

<p>Viviane Franco Augustinis; Alessandra de Sá Mello da Costa; Denise Franca Barros.</p>	<p>Uma Análise Crítica do Discurso de Educação Financeira: por uma Educação para Além do Capital- Revista ADM.MADE, Rio de Janeiro, ano 12, v.16, n.3, p.79-102, setembro/dezembro, 2012.</p>	<p>Analisar os discursos sobre educação financeira: (a) do governo brasileiro, por meio da sua Estratégia Nacional de Educação Financeira; (b) da empresa Mastercard, por meio do seu programa 'Consumo Inteligente, Consumidor Consciente'; e (c) da Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE) por meio do projeto International Financial Gateway.</p>	<p>Processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão acerca de conceitos e de produtos financeiros, e, por intermédio de informações, de instruções e de conselhos, desenvolvem competências e confiança para ficarem mais atentos aos riscos e às oportunidades inerentes ao fato de lidarem com recursos financeiros. Tornam-se, portanto, aptos a fazerem escolhas consistentes, sabendo a que local devem se dirigir para buscar ajuda e quais ações devem tomar para melhorar seu bem-estar financeiro.(OCDE, 2005, p.13).</p>
<p>Saulo Fabiano Amancio Vieira; Regiane Tardiolle Manfre Bataglia; Vanderlei José Sereia</p>	<p>Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: Uma análise dos alunos de uma universidade pública no norte do Paraná - Revista de Administração da UNIMEP, v.9, n.3, Setembro/Dezembro-2011</p>	<p>Analisar se a educação financeira obtida junto aos cursos de graduação influencia na atitude de consumo, poupança e investimento dos indivíduos.</p>	<p>Processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu entendimento sobre os conceitos e os produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para conhecer melhor os riscos e as oportunidades financeiras, e assim tomarem decisões fundamentadas que contribuem para melhorar seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p.13).</p>
<p>José Roberto Ferreira Savoia; André Taue Saito; Flávia de Angelis Santana</p>	<p>Paradigmas da educação financeira no Brasil - RAP Rio de Janeiro 41(6):1121-41, Nov./Dez. 2007</p>	<p>Propor cinco ações que auxiliam no engajamento dos agentes públicos e privados no programa de educação financeira</p>	<p>Worthington (2006) afirma que o conhecimento financeiro pode ser enquadrado em duas vertentes: pessoal e profissional. Do ponto de vista pessoal, é atrelado à compreensão da economia e de como as decisões das famílias são afetadas pelas circunstâncias econômicas. Inclui ainda tópicos da gestão de recursos, tais como: orçamento, poupança, investimento e seguro. No âmbito profissional, o conhecimento financeiro é vinculado à compreensão de relatórios financeiros, fluxos de caixa e mecanismos de governança corporativa das empresas. Todd (2002), Braunstein e Welch (2002) dividem os programas de educação financeira em três grupos: aquele focado nas finanças pessoais, em assuntos como orçamento, poupança e crédito; outro que oferece treinamento específico para poupança previdenciária e é promovido por empresas; e, finalmente, o relacionado à compra de imóveis.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Os três artigos que utilizam o termo educação financeira, o fazem em ligação com a amplitude do termo *financial literacy*, e não na esfera mais básica do termo *financial education*. Nos momentos em que são citados autores internacionais, o termo *financial literacy* é traduzido por **educação financeira**.

Nas pesquisas em artigos citados nos trabalhos estudados, foram encontradas nas referências bibliográficas citações de um artigo de Savóia, Sato e Petroni, 2006, com o título: A educação financeira no Brasil sob a ótica da OCDE, no entanto esse artigo não foi localizado para estudo em nenhuma das bases de dados pesquisadas, nem mesmo nas bases de dados da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), não sendo possível portanto incluí-lo na análise.

Os estudos de Hung, Parker e Yoong (2009), Huston (2010) e Remund (2010) oferecem o conceito de que *financial education* é um estágio intermediário entre o conhecimento básico e apenas conceitual de finanças, o *financial knowledge*, e o domínio mais avançado conjugado com uma capacidade de aplicação equilibrada, racional e espontânea dos conhecimentos financeiros adquiridos, denominado *financial literacy*. Tendo em vista essa análise, o presente trabalho opta por utilizar a seguinte correspondência entre os construtos na língua inglesa para os construtos na língua portuguesa:

- *financial knowledge*: Conhecimento Financeiro
- *financial education*: Educação Financeira Básica
- *financial literacy*: Educação Financeira

Uma vez que o objetivo da pesquisa não é avaliar a aplicação de conceitos financeiros, mas sim avaliar o quanto os jovens da geração Y conhecem desses conceitos, o objeto do estudo fixou-se no nível de conhecimento financeiro que esses indivíduos possuem.

Baseado nos autores citados anteriormente, pode-se inferir que *financial knowledge*, em português conhecimento financeiro, é a esfera mais básica do relacionamento entre o indivíduo e suas finanças, contendo o conhecimento e a compreensão de termos e conceitos financeiros.

Financial education, nesta pesquisa traduzido por educação financeira básica, inclui os itens anteriores, adicionando a capacidade de comunicação dos conceitos, atitude de gerenciamento das finanças pessoais, comportamento financeiro e confiança para análise de riscos e oportunidades.

Já *financial literacy*, adotado como educação financeira, inclui as duas classificações anteriores, somando-se a habilidade para tomar decisões financeiras apropriadas e a confiança para planejar as necessidades financeiras futuras e analisar mudanças econômicas e pessoais.

2.1.4 DETERMINANTES E MENSURAÇÃO DO CONHECIMENTO FINANCEIRO

Apesar dos diversos esforços empreendidos no sentido de padronizar a mensuração do conhecimento financeiro, ainda não há no meio acadêmico um consenso sobre os melhores instrumentos para mensurar a educação financeira dos cidadãos (PORTRICH; VIEIRA; CERETTA, 2013). Esta é uma questão complexa devido a sua subjetividade que resulta em diversidade de interpretações. Lusardi e Mitchell (2011a) defendem o argumento de que, embora seja importante avaliar o nível de educação financeira das pessoas, na prática, é difícil explorar a forma como elas processam as informações financeiras e tomam suas decisões baseadas nessas informações. Para Huston (2010), seria importante determinar não apenas se a pessoa tem a informação, mas também se ela sabe aplicá-la de maneira apropriada.

Como tentativa de mensurar o conhecimento financeiro estudantil em todo o mundo, a OCDE alterou em 2012 sua Avaliação Internacional de Estudantes (PISA), acrescentando um módulo sobre educação financeira. Com a incidência contínua do teste, em breve será possível comparar o conhecimento financeiro de estudantes de várias nações. Ao incluir esse tópico, o PISA tomou a posição de que a educação financeira é reconhecida como uma habilidade essencial para ser capaz de administrar finanças no contexto econômico atual (LUSARDI; MITCHELL, 2013).

Uma pergunta que constantemente gera discussões nesse tema é: Como um indivíduo pode ser considerado corretamente educado financeiramente? A abordagem econômica convencional de poupança e decisões de consumo afirma que um indivíduo totalmente racional e bem informado vai consumir menos de sua renda em tempos de altos rendimentos e economizar para apoiar o consumo quando houver queda de sua renda, por exemplo, após a aposentadoria (LUSARDI, 2008).

Neste contexto, as contribuições de Modigliani e Brumberg (apud LUSARDI; MITCHELL, 2013) e Friedman (apud LUSARDI; MITCHELL, 2013) são importantes. Em seus estudos, o indivíduo educado financeiramente deve determinar seus padrões ideais de poupança e visando a utilização dos

recursos no decorrer dos anos em função da diminuição de sua atividade produtiva e rentável. Outros estudos têm confirmado que o processo de otimização do ciclo de vida pode ser moldado pelas preferências pessoais dos cidadãos e o perfil de cada um, como taxas de aversão ao risco, por exemplo. Existe também forte influência da interpretação do ambiente econômico e benefícios oferecidos pela rede de previdência social (LUSARDI; MITCHELL, 2013).

Lusardi e Mitchell (2007) demonstram que a educação financeira das pessoas está altamente correlacionada com a existência de aulas sobre economia básica em sua escola fundamental. Aqueles que estudam finanças básicas, seja na escola, na faculdade, ou em níveis mais elevados, são muito mais propensos a apresentar níveis mais elevados de educação financeira posteriormente. Esta afirmação foi comprovada com estudos em diversos países (LUSARDI, 2008). De acordo com Mandell (apud LUSARDI, 2008), os estudantes que participaram de algum tipo de jogo relacionado ao mercado de ações em sala de aula são em média 3 a 4 pontos percentuais melhores do que todos os outros alunos que não tiveram a mesma oportunidade.

Os estudos internacionais sobre educação financeira também exploraram sua relação com o planejamento da aposentadoria. Na maioria dos países estudados, aqueles que são mais educados financeiramente são também mais propensos a planejar sua aposentadoria. Dadas as muitas diferenças de regimes de previdência social de cada país, este é um resultado consistente. Na maioria dos países, a compreensão da taxa de juros e, em particular, o entendimento da diversificação do risco, são os fatores mais importantes para o planejamento da aposentadoria (LUSARDI; MITCHELL, 2013).

Uma outra maneira de mensurar a educação financeira e seus efeitos nos resultados econômicos tem sido usar pesquisas de campo em que um grupo de indivíduos (grupo de tratamento) está exposto a um programa de educação financeira e, em seguida, o seu comportamento é comparado a um segundo grupo não exposto ao mesmo programa (grupo de controle). Fato interessante é que mesmo em países com mercados financeiros menos desenvolvidos, os impactos da educação financeira são semelhantes aos

encontrados em países com mercados e previdência social mais desenvolvidos (LUSARDI; MITCHELL 2013).

Em um esforço para combinar dados sobre educação e comportamento financeiro, os estudos de Lusardi e Mitchell (2011b) foram os pioneiros em inserir questões que procuram medir o nível de educação financeira em grandes pesquisas norte-americanas. O primeiro teste dessas pesquisadoras foi desenhar um módulo especial sobre educação financeira para o *Health and Rent Study* (HRS) (estudo sobre saúde e aposentadoria) de 2004.

Lusardi e Mitchell (2011b) desenvolveram três perguntas para o HRS que medem conceitos básicos, mas fundamentais, em matéria de educação financeira, tais como o funcionamento das taxas de juros, os efeitos da inflação, e o conceito de diversificação de risco. As autoras se preocuparam em utilizar quatro princípios básicos que conduziram o desenvolvimento de suas questões:

- Simplicidade: as perguntas devem medir o conhecimento dos elementos fundamentais para a tomada de decisões em um ambiente intertemporal;
- Relevância: as perguntas devem estar relacionadas com os conceitos pertinentes ao dia-a-dia de decisões financeiras das pessoas ao longo de suas vidas;
- Brevidade: o número de perguntas deve ser curto para garantir a adoção generalizada em diversos contextos diferentes para facilitar a padronização de resultados obtidos em estudos posteriores;
- Capacidade de se diferenciar: as perguntas devem diferenciar entre os níveis de conhecimento financeiro, de modo a permitir comparações entre as pessoas.

Uma vez satisfeitos esses critérios, as questões foram desenvolvidas para a avaliação da educação financeira, seus textos ficaram determinados da seguinte forma:

- 1) Suponha que você tinha US \$ 100 em uma conta de poupança e a taxa de juros é de 2% ao ano. Após 5 anos,

quanto você acha que você teria na conta se você deixou o dinheiro para crescer: mais de US \$ 102, exatamente US \$ 102, a menos de 102 dólares?

2) Imagine que a taxa de juros em sua conta de poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Depois de 1 ano, você seria capaz de comprar mais do que, exatamente a mesma, ou menos do que hoje, com o dinheiro desta conta?

3) Você acha que a seguinte afirmação é verdadeira ou falsa? "Comprando ações de uma única empresa geralmente se obtém um retorno mais seguro do que se investir em um fundo mútuo de ações." (LUSARDI; MITCHELL, 2011b).

As duas primeiras questões procuraram avaliar se os entrevistados possuíam conhecimento de conceitos econômicos fundamentais e competência com matemática financeira básica. A terceira pergunta avaliou o conhecimento dos entrevistados sobre diversificação de risco, um elemento crucial para qualquer decisão de investimento. Além das opções de respostas das perguntas, os entrevistados também poderiam escolher afirmar que não sabiam a resposta para a questão ou ainda se recusar a responder (LUSARDI; MITCHELL, 2011b).

Os resultados da pesquisa para o HRS revelaram que a educação financeira diminui rapidamente com o avanço da idade. Esta é uma descoberta importante, pois os consumidores devem tomar decisões financeiras até o final da vida. Além disso, comprovou-se que a educação financeira é particularmente baixa entre as mulheres mais velhas, 61,9% responderam corretamente a questão de cálculo da taxa de juros, em comparação com 74,8% dos homens e 70,6% responderam corretamente a questão da inflação, contra 82,2% dos homens (LUSARDI; MITCHELL, 2011b).

Apenas 47,8% por cento das mulheres entrevistadas sabiam que investir em ações de uma única empresa implica em um investimento mais arriscado do que investir em um fundo mútuo de ações, contra 59,2% dos homens. As mulheres também foram muito mais propensas a responder que não sabiam a resposta para cada uma das três perguntas, com uma fração

substancialmente maior para a questão sobre diversificação de risco, 40% versus 25% para os homens. Baixos níveis de educação financeira entre as mulheres são confirmados em outras pesquisas que abrangem grupos mais jovens ou representativos da população (VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE,2011).

O estudo demonstrou também que a educação financeira varia consideravelmente em função do grau de escolaridade. Apenas metade dos entrevistados com educação inferior ao ensino médio foi capaz de responder corretamente a pergunta que exige um cálculo simples das taxas de juro, e cerca de 20% não sabiam a resposta para a pergunta. A grande maioria das pessoas sem um diploma universitário não sabiam ou responderam incorretamente a pergunta sobre a diversificação de risco (LUSARDI; MITCHELL, 2011b).

Outra descoberta foi que há grande diferença no nível de educação financeira entre os grupos raciais, como os afro-americanos e hispanos que apresentam níveis muito mais baixos do que os brancos. Apenas cerca de metade dos afro-americanos responderam corretamente a pergunta sobre cálculos de taxas de juros, e a proporção de respostas corretas foi ainda menor entre os hispanos, conforme afirmam Lusardi e Mitchell (2007).

Um estudo americano dedicado a estudar jovens, denominado *National Longitudinal Survey of Youth*, incluiu em sua edição de 2007 e 2008 as mesmas questões do estudo da HSR. Foram estudados 7.138 formulários respondidos por jovens de 23 a 28 anos (LUSARDI; MITCHELL; CURTO 2010); Um resumo dos resultados obtidos pode ser visualizado na tabela a seguir:

TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Perguntas	Corretas	Incorretas	Não Sabe
Sobre taxa de juros	79,50%	14,60%	5,70%
Sobre inflação	54,20%	30,70%	15,10%
Sobre Diversificação de Risco	46,80%	15,80%	37,30%

Fonte: Lusardi; Mitchell; Curto, 2010, p. 30

Como demonstrado na tabela 1, a quantidade de jovens com respostas corretas diminuiu a medida que as perguntas se tornaram mais

específicas, o inverso acontece com a proporção de pessoas que declararam não saber a resposta.

As questões de Lusardi e Mitchell (2011b) foram posteriormente adicionadas em diversas pesquisas, tanto nos EUA como em outros países. Em alguns casos foram utilizadas apenas as três questões originais da pesquisa da HSR com o texto idêntico, em outras pesquisas foram acrescentadas algumas perguntas extras para identificação de outras situações e ainda em outros casos foram utilizadas as perguntas aplicadas na pesquisa HSR, porém com seus textos originais e valores de exemplo adaptados ao contexto local, ao objetivo do estudo ou ao segmento alvo. São alguns exemplos desses estudos:

- Educação financeira das mulheres (LUSARDI; MITCHELL, 2008);
- Painel de RAND American Life (ALP), abrangendo todas as idades (LUSARDI; TUFANO, 2009); .
- Estudo sobre capacidade financeira em 2009 com grupos diversificados (LUSARDI; MITCHELL, 2011a);
- Estudo sobre educação financeira de etnias da Nova Zelândia (CROSSAN; FESLIER; HURNARD, 2011);
- Influência do nível de educação financeira nas decisões relacionadas ao mercado de capitais (VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011);
- Educação financeira e crise financeira (KLAPPER; LUSARDI; PANOS, 2011);

Em todas essas pesquisas, os resultados encontrados foram bastante semelhantes aos obtidos na pesquisa da HRS, indicando que em geral as pessoas entrevistadas possuem um nível de educação financeira que pode ser considerado baixo ou no máximo mediano, em alguns casos.

No Brasil, a pesquisa de Portrich, Vieira e Ceretta (2013) se propôs a avaliar o nível de educação financeira de acadêmicos de uma universidade no Rio Grande do Sul. Para tanto, foi construído um fator a partir da média da pontuação obtida pelos participantes do estudo em dois conjuntos de questões adaptadas de Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011). O primeiro conjunto, composto por três perguntas, visou medir habilidades financeiras

básicas, e foi classificado com o conhecimento básico de finanças. O segundo conjunto foi composto por cinco questões que buscaram analisar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros mais complexos, denominado conhecimento avançado de finanças. O questionário foi aplicado a 534 estudantes.

Os autores determinaram o nível geral de conhecimento financeiro baseando-se em um composto da pontuação média obtida nos conhecimentos básicos e avançados. Para cada questão de conhecimento básico foi atribuído peso 1,0 para a resposta correta e para cada questão de conhecimento avançado foi atribuído peso 2,0. O nível de conhecimento financeiro foi determinado conforme a pontuação obtida pelos participantes, sendo considerados com baixo nível de conhecimento financeiro aqueles com pontuação inferior a 60% da pontuação máxima, com nível médio aqueles com pontuação entre 60% à 79% da pontuação máxima e de alto nível de conhecimento os que alcançaram um percentual acima de 80% da pontuação máxima (PORTRICH; VIEIRA; CERETTA (2013).

Os resultados obtidos demonstraram que os estudantes participantes podem ser classificados como possuindo um nível baixo de conhecimento financeiro, sendo que em média foram acertadas 43,63% das questões básicas e 51,69% das questões avançadas, ou seja, inferior aos 60% estabelecidos para a classificação mais baixa. Cabe ainda ressaltar que apenas 1,3% dos estudantes acertaram todas as questões (PORTRICH; VIEIRA; CERETTA (2013). Também nessa pesquisa a tendência obtida por Lusardi e Mitchell (2011b) na pesquisa da HSR foi mantida.

É importante ressaltar que toda tentativa de medir o nível educação financeira possui limitações. Sempre há a possibilidade de erro de medição, bem como de que as respostas possam não medir o real conhecimento financeiro. Além disso, uma medida de educação financeira pode até ser usada para prever comportamentos financeiros mas não implica, necessariamente, que as pessoas vão se comportar da forma considerada ideal ou mais frequente. Outras características comportamentais, tais como a impulsividade, preferências incomuns ou circunstâncias externas podem contribuir para uma aparente decisão financeira equivocada (CHINEN;

ENDO, 2012). Assim, os estudiosos não devem assumir que as pessoas com situações financeiras ruins não possuem necessariamente uma boa educação financeira.

2.2. GERAÇÃO Y

Uma vez que este trabalho se propõe a avaliar o conhecimento financeiro da geração Y, torna-se importante compreender qual o perfil de seus participantes, bem como as particularidades que os diferenciam das outras gerações. Esta seção apresenta os conceitos relacionados as gerações, suas classificações e define as principais características da geração Y.

2.2.1 CONCEITO DE GERAÇÃO

Para Ogg e Bonvalet (2006), o termo geração pode ser definido como um grupo de pessoas da mesma faixa etária e que compartilham de uma história em conjunto. O conceito de geração tem sido um tema relevante nas ciências humanas e sociais. Ele exerce uma função de identidade, na medida em que posiciona o indivíduo dentro de um tempo social e coloca a sua própria história em uma história mais ampla.

Um elemento comum à maioria dos conceitos é a vivência de experiências e de um momento histórico em comum na fase de formação de identidade e de socialização. O que caracteriza uma posição comum dos nascidos em um mesmo tempo cronológico é a potencialidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante (CORDEIRO et al, 2012).

As experiências de pessoas de idades semelhantes funcionam como lentes que proporcionam um determinado foco através das quais os eventos são absorvidos e interpretados, o foco da lente difere entre gerações provendo diferentes respostas em suas interações atuais. Diferenças

regionais e atributos pessoais, tais como idade, educação, gênero e raça também têm um papel importante nas memórias coletivas, trazendo diferenças entre os grupos geracionais (DENCKER; JOSHI; MARTOCCHIO, 2008)

Pode-se notar atualmente um interesse crescente relacionado ao desenvolvimento e comportamento das gerações. Esse interesse se deve à intensidade das mudanças demográficas, econômicas e culturais, tais como, o envelhecimento da população, a pressão sobre a previdência e os sistemas de saúde nacionais e o maior risco de conflito geracional decorrente de escassez de recursos, de empregos e das mudanças das políticas atuais (EDMUNDS; TURNER, 2005).

2.2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS GERAÇÕES

Os autores diferem quanto às datas de nascimento que separam as gerações e suas nomenclaturas, mas não diferem significativamente quanto a sua quantidade e características básicas. É senso comum entre os pesquisadores do assunto que existem quatro gerações atualmente coexistindo no ambiente de trabalho: os Veteranos, *Baby Boomers*, Geração X e Geração Y (VELOSO; DUTRA, 2011; CALLIARI; MOTTA, 2012; OLIVEIRA, 2010).

Como grande parte da produção sobre gerações é norte-americana, as classificações são em geral contextualizadas a esse país (UNITE *et al*, 2012). O quadro 4 apresenta uma divisão das gerações no âmbito sociológico e histórico americano. Nota-se que nesse quadro o termo geração é substituído pelo termo coorte.

Diversos autores utilizam o termo coorte como equivalente de geração. A diferença entre esses dois conceitos reside em seu ponto de origem e término. Para definição de uma coorte inicia-se pela determinação de uma faixa etária e depois se analisa a diferença entre essa faixa e as demais, a definição de uma geração inicia-se pela análise de eventos históricos, políticos ou sociais que geram um impacto em valores, atitudes e

comportamentos das pessoas que viveram esses momentos em sua fase de socialização e posteriormente as datas de nascimento potenciais são definidas (CORDEIRO et al, 2012).

QUADRO 4 – GERAÇÕES NO CONTEXTO AMERICANO

<p>Coorte da Depressão (nascidos de 1912 a 1921) Eventos memoráveis: a grande depressão, altos níveis de desemprego, pobreza Características-chave: busca de segurança financeira, aversão ao risco</p>
<p>Coorte da 2ª Guerra Mundial (nascidos de 1922 a 1927) Eventos memoráveis: homens indo a Guerra e muitos não retornando, a experiência pessoal da Guerra, mulheres trabalhando em fábricas, foco em defender-se de um inimigo comum Características-chave: a nobreza do sacrifício pelo bem comum, patriotismo, trabalho em equipe</p>
<p>Coorte pós-guerra (nascidos de 1928 a 1945) Eventos memoráveis: crescimento econômico sustentado, tranquilidade social, <i>McCarthyism</i> Características-chave: conformidade, conservacionismo, valores familiares tradicionais</p>
<p>Coorte Baby boomer nº 1 (nascidos de 1946 a 1954) Eventos memoráveis: assassinato de John F. Kennedy, Robert Kennedy e Martin Luther King, homem na lua, Guerra do Vietnã, protestos contra a guerra, experimentação social, liberdade sexual, movimento dos direitos civis, movimento em prol do meio ambiente, movimento das mulheres, protestos e tumultos Características-chave: experimental, individualismo, espírito livre, orientação a uma causa social</p>
<p>Coorte Baby boomer nº 2 (nascidos de 1955 a 1964) Eventos memoráveis: Watergate, renúncia de Nixon, Guerra fria, embargo ao petróleo, inflação crescente, falta de gasolina Características-chave: menos otimismo, desconfiança do governo, cinismo geral</p>
<p>Coorte Geração X (nascidos de 1965 a 1976) Eventos memoráveis: explosão do Challenger, mal-estar social, AIDS, sexo seguro, queda do Muro de Berlim, famílias de pais solteiros Características-chave: busca por segurança emocional, independência, informalidade, empreendedorismo</p>
<p>Coorte da Geração Y (nascidos de 1977 até o presente) Eventos memoráveis: ascensão da internet, ataque de 11 de setembro, diversidade cultural, duas guerras no Iraque Características-chave: busca por segurança física e patrimonial, patriotismo, medos exacerbados, aceitação da mudança, conhecimento técnico</p>

Fonte: Cordeiro et al, (2012, p.57).

Para conceituar e classificar as gerações no contexto brasileiro é necessário analisar os fatos históricos e sociológicos que impactaram o país. Através dessa análise pode-se fazer uma interpretação dos períodos e as correspondências entre as gerações na sociedade americana e na sociedade brasileira (CORDEIRO et al, 2012). O quadro 5 apresenta as gerações dentro da realidade brasileira.

QUADRO 5 – CLASSIFICAÇÃO DAS GERAÇÕES NO CONTEXTO BRASILEIRO

Geração	Principais aspectos históricos, econômicos, tecnológicos, políticos e culturais no Brasil
Veteranos (1920-1944)	Nascidos entre guerras e sob o signo do tenentismo, com visão de "ordem e progresso" baseada em estratégias militares. Passaram a adolescência na Era Vargas, regime totalitarista patriarcal. Vivenciaram a criação das leis do trabalho e tiveram acesso restrito a educação. Momento de forte nacionalismo. Era mais importante ser alguém do que ter algo.
Baby Boomers (1945-1960)	Protestaram contra a ditadura militar, se tornaram altamente politizados. Viveram um período de forte industrialização e crescimento econômico com o milagre econômico. Viram o nascimento do "rock & roll" e da bossa nova. Na fase adulta viveram a repressão militar e a década perdida, momento de estagnação econômica deflagrada pelo crash da bolsa de valores de Nova York em 1987. Viveram o aumento da mão de obra feminina e o início da emancipação das mulheres com a pílula anticoncepcional
Geração X (1961 – 1980)	População urbana brasileira superou a rural na década de 70 aumentando tendência de distanciamento entre as pessoas refletindo na enorme diversidade de tribos que coexistiam na década de 80. Surgimento da filosofia yuppie, que dava importância máxima ao dinheiro, e, de outro lado, o movimento punk, com suas ideias anarquistas e desprezo pelo excesso de conforto material. Cresceram vendo televisão. Forte influência da cultura americana após a abertura do mercado nacional às importações. Forte internacionalização e onda de privatizações e terceirizações. Movimentos de reengenharia e <i>downsizing</i> , reduzindo a lealdade às organizações. Surgimento da AIDS, aumento da violência e do uso de drogas. Frustração pelo fracasso dos planos econômicos para controle da inflação.
Geração Y (1981 - ?)	Cresceram com a TV a cabo, videogames, computadores, internet e telefones celulares em um mundo eminentemente virtual e global. São os nativos digitais. Foram marcados pelo 11 de setembro. Nasceram em um mundo globalizado. A partir dos anos 2000, viveram o plano real com uma moeda forte e estável, o aumento do poder de consumo, a consolidação da economia e do comércio internacional.

Fonte: Cordeiro et al, (2012, p.58).

Em outros momentos da história a convivência ativa, financeira, política e profissional, se deu entre duas gerações: a que estava se aposentando e a que estava assumindo a liderança. No entanto, devido a mudanças na expectativa de vida mundial e também pelas grandes mudanças sociológicas e corporativas causadas pelo avanço tecnológico, pode-se observar uma convivência mais intensa entre três gerações que atuam no mundo atual: *Baby Boomers*, Geração X e Geração Y (OLIVEIRA, 2010).

Oliveira (2011) observa que esse novo contexto trouxe aos indivíduos uma necessidade maior de compreensão das diferenças entre as gerações em todos os sentidos, obrigando as empresas aumentarem sua capacidade analítica ao desenvolver seus produtos, serviços e relacionamento com seus clientes.

O maior desafio para muitos dos líderes e formadores de opinião tem sido compreender a geração mais recente, a geração Y (CALLIARI; MOTTA,

2012). Uma vez que essa geração aparece de maneira inusitada no cenário econômico e social, ela exige um estudo mais aprofundado para compreender suas características especiais e principalmente promover a integração com as outras gerações.

2.2.3 PERFIL DA GERAÇÃO Y

A geração Y estava estimada em 76 milhões de americanos em 2005, o que representava 15% por cento da força de trabalho. Esta geração foi criada em um momento de expansão econômica e prosperidade, mas está amadurecendo em uma fase de incertezas econômicas e aumento da violência; aproximadamente 16% da geração Y cresceu ou está crescendo na pobreza (EISNER, 2005).

Uma característica marcante dos jovens dessa era é sua ligação com a tecnologia. Mensagens instantâneas e SMS's são preferidos em relação aos e-mails (RAO, [2010]). A globalização, os meios modernos de comunicação, e principalmente a internet, ampliaram as possibilidades de interação de jovens de diferentes países em um conjunto de acontecimentos e experiências semelhantes, colocando-os em uma mesma posição geracional (TAPSCOTT, 1999).

Martin e Tulgan (2001) estabelecem uma lista de características comuns aos jovens da geração Y:

- ricos em quantidade de informação;
- forte ética de trabalho;
- espírito empreendedor;
- sentido de responsabilidade;
- gosto pela mudança;
- mente aberta e tolerante à sociedade;
- interdependência para atingir as metas;
- autoconfiança;
- otimismo sobre o futuro;

- valorização do desenvolvimento de habilidades.

Coimbra e Schikmann (2001) conduziram um estudo com 202 jovens universitários da cidade de São Paulo com idade entre 20 e 24 anos e apuraram a visão profissional desses jovens. A maioria dos pesquisados definiram um profissional de sucesso como aquele que alcança seus objetivos, equilibra trabalho e vida pessoal e faz o que gosta, demonstrando uma perspectiva mais apurada quanto ao seu desenvolvimento no mercado de trabalho.

Um outro estudo, conduzido por Twenge e Campbell (2008), comparou os traços de personalidade da geração Y com os traços de jovens de gerações anteriores, baseando-se em dados secundários coletados de artigos e dissertações desde 1930. Constatou-se que os jovens da atualidade possuem maior autoestima, narcisismo, ansiedade e depressão que jovens de outras gerações.

Segundo Brown (2004), no âmbito moral e sociológico, os jovens da geração Y tem um forte senso de moralidade, são mais patrióticos, estão dispostos a lutar pela liberdade, são sociáveis e procuram valores familiares. Essa geração tende a querer um desafio intelectual, precisa ter sucesso, se esforça para fazer a diferença, e procura os empregadores que irão aumentar o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Esse grupo também é conhecido por ter forte preocupação com as questões globais, em especial a sustentabilidade (NAYYAR, 2001; WILLIAMS; PAGE, 2011).

Allen (2004) acrescenta que estabelecer e alcançar objetivos pessoais é mais importante para eles que os ganhos financeiros, demonstrando que em sua perspectiva, fazer uma grande quantidade de dinheiro parece ser menos fundamental do que contribuir para a sociedade e desfrutar de uma vida plena e equilibrada.

2.2.4 A GERAÇÃO Y E AS FINANÇAS

Tang (1992) e Roberts e Jones (2001) sugerem que sexo, idade,

ocupação, estado civil, antecedentes familiares, e renda têm influência direta sobre as atitudes financeiras das pessoas. Os mais velhos são mais cautelosos sobre os orçamentos; mulheres planejam mais do que os homens, jovens são mais displicentes quanto a suas finanças.

A educação financeira dos jovens é fundamental à medida que entram na idade adulta e se deparam com uma enorme variedade de produtos e serviços financeiros ao mesmo tempo em que estão embarcando em grandes eventos do ciclo financeiro e de vida, tais como: emprego, morar sozinhos, comprar seu primeiro carro, casar-se e começar uma família. A definição de um estilo de vida é grandemente influenciada pelos meios de comunicação, que procuram aumentar a disposição dos jovens para o endividamento (CULL; WHITTON, 2011).

A extensão do problema da dívida entre os jovens é exemplificada pelo fato de que, nos Estados Unidos entre 1990 e 2000, a dívida média do cartão de crédito dos estudantes saltou 305% e entre 2004 e 2009 o aumento foi de 74%. Entre 1997 e 2007, a dívida média de empréstimos dos universitários aumentou 58%, sendo 6% só entre 2006 e 2007, já descontando a inflação (REED, 2008).

Os resultados recentes dessas pesquisas também sugerem que esse aumento considerável no endividamento está causando ansiedade entre os jovens e influenciando as principais decisões trabalhistas: Lusardi, Mitchell e Curto (2010) entrevistaram jovens entre 23 e 29 anos e constataram que, das pessoas com dívidas, 30% disseram que se preocupavam com ela frequentemente; 29% pararam de estudar ou diminuíram seus gastos com educação e 22% aceitaram um emprego que não aceitariam se não estivessem endividados.

Apesar de viver em uma sociedade orientada pelo dinheiro, os jovens são muito pouco ensinados sobre finanças. O resultado de todo esse processo é um círculo vicioso: a falta de educação financeira gera pouca poupança e investimentos, por consequência seus recursos são insuficientes para suas necessidades, o que os conduz para o endividamento (CONCI, 2008). Esses problemas devem ser tratados pela sociedade como um todo.

Um fato preocupante é que essas dificuldades dos jovens em administrar seus recursos financeiros tendem a se tornar ainda mais intensas, uma vez que, segundo Cudmore et al (2010):

- a juventude ao redor do mundo enfrenta um contexto financeiro cada vez mais complexo; um exemplo disso é o fato de que pessoas com idade inferior a 25 anos representam 25% se todas as falências pessoais dos Estados Unidos no ano de 2007;
- pesquisas apontam que o jovem de hoje tem conhecimento limitado sobre investimentos, apesar do aumento do número de programas disponíveis e da facilidade de acesso. Sem orientação ou informação adequada, a maioria jovens vai aprender a gerir o seu dinheiro por tentativa e erro, sem saber como equilibrar seus talões de cheque ou controlar seus gastos com o cartão de crédito
- o processo de aposentadoria está cada vez mais complicado e sob a responsabilidade dos próprios cidadãos. Em tese isto poderia se caracterizar em uma oportunidade de assumir o controle de seu destino financeiro, mas na prática, na maioria das vezes, o que se vê é uma grande confusão por falta educação financeira que compromete o futuro das pessoas.

Além dos problemas já elencados, os baixos níveis de educação financeira estão associados também à: saúde precária (JOO; GARMAN 2008); planejamento inadequado da aposentadoria (LUSARDI; MITCHELLI, 2007); além de consequências sociais e econômicas negativas. Essas situações e análises geraram um alerta para instituições financeiras e governos. Segundo Bodnar (2005), programas de orientação nas escolas, que eram frequentes há uma ou duas gerações e depois desapareceram, estão retornando ao cenário social.

Outras entidades estão surgindo para orientar a vida financeira do segmento jovem. Um exemplo desse tipo de entidade é a *Young Money*, uma plataforma multimídia para jovens que inclui uma revista e um site (<http://youngmoney.com>), além de realizar pesquisas, desenvolver soluções personalizadas e promover eventos especiais de educação financeira (CULL; WHITTON, 2011).

A questão da falta de educação financeira deve também ser tratada nos ambientes acadêmicos. As universidades, que desempenham um importante papel no desenvolvimento da cidadania de seus alunos e no processo de torná-los participantes efetivos na sociedade e na economia, devem também contribuir para sua educação financeira. A ideia de que os estudantes do ensino superior aprendam sobre finanças como parte de sua formação acadêmica foi apoiada por Kezar e Yang (2010), que afirmaram que a educação financeira é tanto uma habilidade importante para a vida quanto uma competência intelectual crítica, além de ser um componente essencial de um diploma universitário.

Uma análise dos itens apresentados revela uma necessidade latente e imediata de educação financeira para a geração Y. No entanto é importante ressaltar que um currículo de educação financeira focado nos jovens precisa ser dinâmico, proporcionar uma experiência prática, promover a participação, bem como as habilidades de conhecimento e transferência de gestão financeira para os estudantes. Abordagens de aprendizagem ativas oferecem oportunidades para participação e reflexão sobre as implicações de seus comportamentos financeiros sobre seu patrimônio e futuro. Comportamentos financeiros positivos extrapolam o âmbito econômico e se traduzem em maior satisfação na vida e na conquista de um melhor desempenho acadêmico (XIAO et al. apud NGA; YOUNG; SELLAPAN, 2010).

3. METODOLOGIA

Os princípios metodológicos são de grande importância para a credibilidade de um trabalho acadêmico. Utilizar-se de técnicas de pesquisa contribui para a seleção, classificação e produção de informações e assim desenvolvimento de conhecimento fundamental, o qual não existiria sem o processo científico (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2000). Este capítulo traz o enquadramento metodológico desta pesquisa, bem como os procedimentos adotados para a obtenção dos resultados desejados.

3.1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A presente pesquisa utiliza-se de referencial teórico e análise de dados a partir de pesquisa de campo para obtenção de seus objetivos. Como projeto de pesquisa, este trabalho pode ser classificado como sendo uma pesquisa aplicada, pois, segundo Roesch (2013, p. 62), esta modalidade de pesquisa procura “entender a natureza e a fonte de problemas humanos, abordando questões consideradas importantes pela sociedade”.

Este conceito ajusta-se à pesquisa pois procura analisar um problema importante para a sociedade atual, o nível de conhecimento financeiro da geração Y. A pesquisa também se enquadra como estudo exploratório devido a seu caráter de levantamento de conceitos e dados (VERGARA, 2009).

Quanto ao seu enfoque, a pesquisa é classificada como quantitativa, caracterizada pelo levantamento e mapeamento de dados de uma população específica e oferecendo tratamento estatístico aos dados coletados (GIL, 2002).

No que tange ao levantamento bibliográfico, foi utilizado o processo de pesquisa descritiva, pois procurou-se “descrever, identificar, analisar e relatar” (VERGARA, 2009, p. 48) os conceitos encontrados em artigos científicos e livros que tratam dos assuntos referentes a educação financeira e geração Y. Foram analisados tanto produções essencialmente teóricas

quanto estudos quantitativos relacionados com pesquisas realizadas em diversos países e segmentos da sociedade para assim amparar o método utilizado para a análise de dados.

O processo de levantamento de dados foi embasado pelo referencial teórico, procurando assim, como sugerem Hill e Hill (2002), desenvolver a hipótese geral a partir dos dados bibliográficos, buscar os dados em pesquisa de campo e retornar à comparação teórica para nesse processo confirmar ou refutar a hipótese inicial constituída.

3.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Esse trabalho delimita-se tematicamente à análise do conhecimento financeiro, como visto no referencial teórico, que é considerado o conhecimento e a compreensão dos conceitos financeiros, não abordando a sua aplicação prática, sendo portanto mais restrito que a educação básica financeira e que a educação financeira.

Quando ao segmento, a pesquisa propõe-se a estudar os jovens da geração Y, utilizando-se do corte de faixa etária determinado pela maioria dos autores no contexto brasileiro, que estabelece como participantes dessa geração os nascidos entre os anos de 1981 e 1999 (OLIVEIRA, 2010). No âmbito geográfico e espacial, o levantamento de dados estará restrito aos alunos de um centro universitário localizado na região sul do município de São Paulo.

3.3 AMOSTRA DE PESQUISA

Uma pesquisa exaustiva com todos os representantes de um segmento traria uma análise completa do objeto de estudo do pesquisador. No entanto, como ressaltam Hill e Hill (2002, p.42):

Acontece porém que, muitas vezes, o investigador não tem tempo nem recursos suficientes para reconhecer e analisar

dados para cada um dos casos do Universo pelo que, nesta situação só é possível considerar uma parte dos casos que constituem o Universo. Esta parte designa-se por amostra do universo. Assim, o que o investigador pretende ou pode fazer, na maioria das situações, é analisar os dados da amostra, tirar conclusões, e extrapolar as conclusões para o Universo.

Para essa pesquisa foi utilizada uma amostra de 464 jovens alunos de um centro universitário localizado na zona sul de São Paulo. Os estudantes foram selecionados aleatoriamente sendo de origem de quatro cursos diferentes: Administração, Ciências Contábeis, Psicologia e Educação Física.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA

O centro universitário escolhido para aplicação da pesquisa foi o Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP Campus SP, que está localizado no bairro Jardim IAE, próximo ao Capão Redondo, na zona sul do município de São Paulo. A instituição existe há 99 anos e possui um caráter confessional, sendo mantida por uma denominação religiosa.

Segundo a secretaria da instituição de ensino, estão matriculados atualmente mais de 6.000 alunos distribuídos desde a educação infantil até o mestrado *stricto sensu*. Cerca de 500 estudantes vivem dentro da própria instituição em regime de internato, aproximadamente 5.400 alunos moram em um raio de até 10 km da instituição e o restante está distribuído em outras regiões.

O nível de renda médio dos estudantes e suas famílias situa-se entre R\$ 800,00 e R\$ 2.000,00. Devido ao caráter homogêneo deste item, não foi incluída essa variável no processo de pesquisa, embora não se descarte o fato de que ser pertencente a essa faixa de renda traz características próprias em relação ao conhecimento financeiro.

Este local foi escolhido para a pesquisa devido à concentração de estudantes da geração Y, bem como acessibilidade e disponibilidade de

aplicação dos formulários, com amplo apoio dos dirigentes para que a pesquisa fosse realizada em suas dependência.

Destaca-se o fato de ser bastante relevante a aplicação da pesquisa em um centro universitário específico devido a concentração de pessoas com características semelhantes. Essa especificação oferece oportunidades para comparações em pesquisas futuras em outros centros universitários com públicos com características diversificadas e assim analisar os perfis de jovens pertencentes a outras regiões geográficas e com poder aquisitivo diferenciado.

3.5 LEVANTAMENTO DE DADOS.

Para levantamento dos dados necessários para a pesquisa, foi utilizado um questionário. Um questionário de pesquisa precisa ser claro e objetivo. É importante que sua confidencialidade fique explícita, bem como a natureza anônima da pesquisa (HILL; HILL, 2002).

Seguindo a tendência de diversos estudos citados no referencial teórico, esta pesquisa usou como base para o questionário as três perguntas de Lusardi e Mitchell (2006), porém com algumas alterações. Como apresentado no referencial teórico, as perguntas da pesquisa base foram:

- 1) Suponha que você tinha US \$ 100 em uma conta de poupança e a taxa de juros é de 2% ao ano. Após 5 anos, quanto você acha que você teria na conta se você deixou o dinheiro para crescer: mais de US \$ 102, exatamente US \$ 102, a menos de 102 dólares?
- 2) Imagine que a taxa de juros em sua conta de poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Depois de 1 ano, você seria capaz de comprar mais do que, exatamente a mesma, ou menos do que hoje, com o dinheiro desta conta?
- 3) Você acha que a seguinte afirmação é verdadeira ou falsa? "Comprando ações de uma única empresa geralmente se obtém um retorno mais seguro do que se investir em um

fundo mútuo de ações." (LUSARDI; MITCHELL, 2006).

Assim como em outras pesquisas realizadas utilizando as perguntas de Lusardi e Mitchell (2006), neste trabalho foram feitas algumas adaptações para contextualização ao público alvo e ao objetivo da pesquisa.

Na primeira parte do questionário foram colocadas perguntas de caracterização do perfil do respondente: idade, gênero e curso. Para o item idade foi colocado um campo para preenchimento da data de nascimento do respondente, tendo em vista o cálculo da idade exata e o estabelecimento da idade média de todos os respondentes no desenvolvimento da estatística descritiva.

As perguntas 1 e 2 do artigo de Lusardi e Mitchell (2006) foram utilizadas com o mesmo princípio, com alteração da moeda de dólar para real, no caso da pergunta 1, sendo ambas contextualizadas para a realidade de juros brasileira e com o estabelecimento de alternativas para a resposta, conforme apresentado abaixo:

1) Suponha que você tinha R\$ 100,00 em uma conta de poupança e a taxa de juros de retorno é de 6% ao ano. Após 5 anos, quanto você acha que teria na conta se você deixou o dinheiro para render:

- a) mais de R\$ 106,00
- b) exatamente R\$ 106,00
- c) menos de R\$ 106,00
- d) não sei a resposta

2) Imagine que a taxa de juros de retorno em sua conta de poupança foi de 6% ao ano e a inflação foi de 12% ao ano. Depois de 1 ano, você seria capaz de comprar com esse dinheiro:

- a) mais itens do que antes
- b) exatamente a mesma quantidade de itens que antes
- c) menos itens do que antes
- d) não sei a resposta

No questionário de Lusardi e Mitchell (2006), a pergunta 3 trata de diversificação de ativos para diminuição de riscos. Essa pergunta tem grande

aplicabilidade nos Estados Unidos, onde o mercado de capitais é maduro e uma realidade na vida dos cidadãos comuns. No entanto, no Brasil, a realidade é bastante diferente nesse sentido, sendo que não se pode considerar esse item como parte do conhecimento básico de finanças, mas no mínimo intermediário.

Sendo assim, a terceira pergunta foi alterada para uma adaptação da pergunta utilizada por Potrich, Viera e Ceretta (2013) para avaliar conhecimento financeiro básico, que leva em consideração também o valor do dinheiro no tempo, conforme texto abaixo:

3 - Suponha que José herde R\$ 10.000,00 hoje e Pedro herde R\$ 10.000,00 daqui a 3 anos. Devido ao recebimento da herança, quem terá um valor maior?

- a) José
- b) Pedro
- c) terão a mesma quantia
- d) não sei a resposta

Com essas alterações, pode-se enquadrar as três perguntas utilizadas como sendo parte da compreensão de um indivíduo com conhecimento financeiro básico na realidade brasileira. O instrumento de pesquisa formatado está disponível para visualização no anexo A.

Embora o estudo utilizado como base estivesse focado em educação financeira, este estudo procurou ser mais pontual e específico dedicando-se a estudar apenas o nível de conhecimento financeiro dos respondentes, sendo portanto mais restrito que o trabalho de Lusardi e Mitchell (2006) e por isso utilizando-se de uma nomenclatura diferenciada.

3.6 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram aplicados aos alunos do centro universitário escolhido entre os dias 14 e 21 de agosto de 2014 no período noturno nos

cursos de administração, ciências contábeis, educação física e psicologia, diretamente em suas salas de aula e com preenchimento individual, sem permissão de consulta a outros colegas.

Os respondentes não receberam nenhuma orientação quanto ao conteúdo das perguntas, a interpretação do questionário foi considerada com parte da pesquisa. Não foi oferecida qualquer retribuição ou incentivo pelo preenchimento do questionário. Em média os estudantes gastaram de 15 a 20 minutos para responder as três questões.

No total foram aplicados 537 questionários. No entanto, no momento de preparo prévio dos dados para os tratamentos estatístico, observou-se que existiam formulários com erros de preenchimento ou que o respondente estava fora do público alvo da pesquisa. A seguir estão discriminados os itens que provocaram o descarte de formulários com as respectivas quantidades.

- Público fora da faixa etária objeto do estudo – 14 formulários;
- Preenchimento da data do dia ao invés da data de nascimento – 12 formulários;
- Preenchimento de dia e mês do aniversário mas ano corrente, 2014 – 25 formulários;
- Ausência do preenchimento do campo data de nascimento – 5 formulários;
- Ausência do preenchimento do campo curso – 8 formulários;
- Mais de uma resposta preenchida na mesma questão – 9 formulários.

Todos os formulários com erros de preenchimento foram eliminados da pesquisa, no total de 73 formulários, restando portanto 464 questionários para tratamento e análise.

3.7 TRATAMENTO DOS DADOS

Uma vez aplicadas as pesquisas, os dados foram tabulados em planilhas de excel para montagem da base de dados. Parte da análise foi

elaborada com os recursos do próprio Excel para distribuição dos dados conforme as variáveis de classificação. Para efeito de análise das características da amostra, foi aplicada a estatística descritiva, conforme estabelecida por Sweeney, Williams e Anderson (2013).

A verificação da influência dos fatores gênero e curso no perfil da amostra e também da correlação com a faixa etária dos entrevistados, foi realizada através do modelo de regressão logística binária, conforme apresentado por Wooldridge (2011).

A regressão logística binária é utilizada quando existem dois resultados possíveis em relação a variável estudada. Esse método tem preferência de utilização nesses casos em função de ser mais robusto e similar a regressão simples, possuindo testes estatísticos diretos, habilidade de incorporar efeitos não lineares e oferecer uma vasta gama de diagnósticos (HAIR JR, 2005).

Para esse estudo foi estabelecida como variável Y o nível de conhecimento financeiro, podendo ser baixo ou alto/moderado e aplicado o modelo de regressão logística binária em relação as variáveis faixa etária, gênero e curso. Para aplicação desse modelo estatístico foram utilizados os softwares Minitab, Eviews e StatPlus, como os resultados obtidos em todos os aplicativos foram semelhantes, prevaleceu para transposição para esse trabalho os dados obtidos no software Minitab.

Os dados foram interpretados para determinação do nível de conhecimento financeiro dos entrevistados. Tendo em vista que as perguntas utilizadas são de conhecimento básico de finanças, foram considerados com nível baixo de conhecimento financeiro os respondentes que acertaram uma ou duas questões.

Os participantes que responderam as três questões corretamente foram considerados com conhecimento financeiro moderado ou alto. Aqueles que responderam de maneira incorreta todas as questões ou responderam que não sabiam as três questões, foram considerados sem nenhum nível de conhecimento financeiro.

4 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos resultados apurados pela aplicação dos questionários. São demonstradas as características da amostra, as frequências relativas às variáveis escolhidas e as análises estatísticas elaboradas.

4.1 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

A data de nascimento questionada no formulário de pesquisa foi transformada em idade através de fórmula disponível no Excel e foi aplicada a estatística descritiva nesse item, conforme apresentado na tabela 2.

TABELA 2 – ESTATÍSTICA DESCRITIVA IDADE

Séries #1 (Idade)			
<i>Contagem</i>	464	<i>Distorção</i>	0,86624
<i>Média</i>	22,77586	<i>Erro padrão da distorção</i>	0,1131
<i>Média LCL</i>	22,38331	<i>Curtose</i>	3,18205
<i>Média UCL</i>	23,16841	<i>Erro padrão da Curtose</i>	0,22476
<i>Variância</i>	13,12028	<i>Distorção alternativa (de Fisher)</i>	0,86905
<i>Desviação padrão</i>	3,62219	<i>Curtose alternativa (de Fisher)</i>	0,19707
<i>Erro-padrão (de média)</i>	0,16816	<i>Coeficiente de variação</i>	0,15904
<i>Mínimo</i>	16,	<i>Desvio Médio</i>	2,91015
<i>Máximo</i>	33,	<i>Segundo momento</i>	13,092
<i>Intervalo</i>	17,	<i>Terceiro momento</i>	41,03433
			545,4052
<i>Soma</i>	10.568,	<i>Quarto momento</i>	5
<i>Erro padrão de soma</i>	78,02442	<i>Mediano</i>	22,
<i>Quadrados de soma total</i>	246.770,	<i>Erro mediano</i>	0,00978
	6.074,6896		
<i>Quadrados de soma ajustada</i>	6	<i>Percentil 25% (Q1)</i>	20,
<i>Média geométrica</i>	22,50679	<i>Percentil 75% (Q2)</i>	25,
<i>Média harmónica</i>	22,2551	<i>IQR</i>	5,
<i>Modo</i>	21,	<i>MAD</i>	2,

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com Cordeiro et al. (2012) e conforme apresentado no quadro 4 deste trabalho, no Brasil são considerados jovens da geração Y os nascidos após 1981, atualmente com 33 anos, e de acordo com Oliveira (2010) esse grupo se estende até os nascidos em 1999, atualmente com 15 anos.

Pode-se notar que a amostra está enquadrada no público alvo

estabelecido, sendo a menor idade encontrada 16 e a maior 33 anos, dentro do intervalo considerado da geração Y. Nota-se ainda que a idade média encontrada foi de 22,50 anos, a media de 22 anos e a moda 21 anos, mostrando que a maioria dos entrevistados são nascidos na década de 1990, portanto, ainda mais sujeitos às influencias das diferenças de gerações.

Os entrevistados foram classificados quanto a faixa etária, gênero e curso de graduação que estão matriculados. A tabela 3 demonstra a distribuição da amostra conforme os grupos de classificação.

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR GRUPOS DE CLASSIFICAÇÃO

Faixa Etária	16 - 21	22 - 27	28 - 33		Total
Quantidade	215	194	55		464
%	46,34%	41,81%	11,85%		100,00%
Gênero	Feminino		Masculino		Total
Quantidade	287		177		464
%	61,85%		38,15%		100,00%
Curso	Administração	C. Contábeis	Ed. Física	Psicologia	Total
Quantidade	188	87	83	106	464
%	40,52%	18,75%	17,89%	22,84%	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor

A seguir cada um desses grupos de classificação serão analisados segundo seu desempenho na resposta aos questionários. Serão também classificados conforme os padrões de mensuração estabelecidos nesse trabalho, sendo:

- Respondentes com três acertos são considerados como possuidores de conhecimento financeiro moderado ou alto;
- Respondentes que acertaram uma ou duas questões são classificados como detentores de conhecimento financeiro baixo;
- Respondentes que não acertaram nenhuma das questões são considerados com nenhum conhecimento financeiro.

4.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR FAIXA ETÁRIA

Como afirmado no item anterior, todos os entrevistados estão

enquadrados na geração Y. No entanto, para ampliar as possibilidades de análises quanto ao nível de conhecimento financeiro, os participantes foram classificados em três faixas etárias, conforme a tabela 4:

TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	16 - 21	22 - 27	28 - 33	Total
Quantidade	215	194	55	464
%	46,34%	41,81%	11,85%	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor

As respostas aos questionários foram distribuídas conforme essa classificação etária, conforme apresentadas na tabela 5:

TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS POR FAIXA ETÁRIA

	Questão 1		Questão 2		Questão 3	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
16 - 21						
Corretas	179	83,26%	131	60,93%	65	30,23%
Erradas	21	9,77%	47	21,86%	128	59,53%
Não Sabe	15	6,98%	37	17,21%	22	10,23%
Total	215		215		215	
22 - 27						
Corretas	156	80,41%	126	64,95%	55	28,35%
Erradas	25	12,89%	33	17,01%	119	61,34%
Não Sabe	13	6,70%	35	18,04%	20	10,31%
Total	194		194		194	
28 - 33						
Corretas	45	81,82%	43	78,18%	23	41,82%
Erradas	5	9,09%	7	12,73%	29	52,73%
Não Sabe	5	9,09%	5	9,09%	3	5,45%
Total	55		55		55	

Fonte: Elaborado pelo autor

Observa-se nos dados expostos na tabela 5 que existe uma diferença muito pequena entre o percentual de acertos da questão 1. Nas questões 2 as diferenças entre os grupos 16 – 21 e 22 – 27 possui um percentual pequeno (2,98% e -1,88% respectivamente), no entanto o desempenho desses dois grupos em relação ao terceiro grupo, 28 – 33 é bastante significativo, tendo esse grupo um desempenho consideravelmente superior.

A diferença de desempenho do grupo etário de 28 a 33 anos também aparece na análise quanto ao quantidade de acertos por questionário, que pode ser analisada na tabela 6:

TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DE NÚMERO DE ACERTOS POR QUESTIONÁRIO POR FAIXA ETÁRIA

	3 acertos	2 acertos	1 acerto	0 acerto	Total
16 - 21					
Quantidade	38	104	55	18	215
%	17,67%	48,37%	25,58%	8,37%	100,00%
22 - 27					
Quantidade	32	100	40	22	194
%	16,49%	51,55%	20,62%	11,34%	100,00%
28 - 33					
Quantidade	13	33	5	4	55
%	23,64%	60,00%	9,09%	7,27%	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor

Nota-se mais uma vez que a diferença entre os grupos 16 – 21 e 22 – 27 não é significativa quanto aos questionários com 3 acertos, mas o grupo 28 – 33 obtém um desempenho superior (23,64% contra 17,67% e 16,49% respectivamente).

De acordo com o padrão de mensuração estabelecido nesse trabalho, pode-se afirmar que 73,95% dos jovens de 16 a 21 anos, 72,17% dos jovens de 22 a 27 anos e 69,09% dos jovens de 28 a 33 anos possuem nível baixo de conhecimento financeiro, ou seja, a maioria de todas as faixas etárias.

4.3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR GÊNERO

Conforme estudos de Tang (1992) e Roberts e Jones (2001), o gênero tem grande influência no perfil financeiro dos indivíduos. A abordagem da coleta de dados permitiu analisar diferença de respostas conforme os gêneros masculino e feminino. A tabela 7 apresenta a distribuição das respostas dos questionários por gênero.

TABELA 7 – DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS POR GÊNERO

	Questão 1		Questão 2		Questão 3	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Feminino						
Corretas	228	79,44%	169	58,89%	72	25,09%
Erradas	31	10,80%	58	20,21%	186	64,81%
Não Sabe	28	9,76%	60	20,91%	29	10,10%
Total	287		287		287	
Masculino						
Corretas	150	84,75%	134	75,71%	70	39,55%
Erradas	19	10,73%	26	14,69%	91	51,41%
Não Sabe	8	4,52%	17	9,60%	16	9,04%
Total	177		177		177	

Fonte: Elaborado pelo autor

Assim como encontrado em outros estudos (LUSARDI; MITCHELL, 2011b; VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011), as mulheres obtiveram um desempenho inferior ao dos homens, demonstrando possuir um menor conhecimento financeiro em relação aos homens.

Na questão 1 o percentual de acertos entre as respondentes do sexo feminino foi de 79,44% contra 84,75% dos homens. Na questão 2 a diferença foi ainda maior, 58,89% de acertos para as mulheres e 75,71% de acertos para os homens, e na questão três, 25,09% de acertos das mulheres e 39,55% de acertos para os homens. Nota-se que nas questões de maior complexidade a diferença entre homens e mulheres foi maior.

Ao analisar-se o total de acertos para determinação do nível de conhecimento financeiro, observa-se a distribuição por gênero apresentada

na tabela 8.

TABELA 8 – DISTRIBUIÇÃO DE NÚMERO DE ACERTOS POR QUESTIONÁRIO POR GÊNERO

	3 acertos	2 acertos	1 acerto	0 acerto	Total
Feminino					
Quantidade	32	147	73	35	287
%	11,15%	51,22%	25,44%	12,20%	100,00%
Masculino					
Quantidade	49	87	25	16	177
%	27,68%	49,15%	14,12%	9,04%	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor

A distribuição dos acertos revela mais uma vez um maior nível de conhecimento financeiro entre os homens em relação às mulheres. Enquanto 27,68% dos homens, de acordo com os padrões de mensuração estabelecidos nessa pesquisa, são considerados como possuidores de conhecimento financeiro moderado ou alto, apenas 11,15% das mulheres atingiram essa classificação.

No nível baixo de conhecimento financeiro estão classificados 63,27% dos homens e 76,66% das mulheres. 9,04% dos homens podem ser considerados como não possuindo nenhum nível de conhecimento financeiro enquanto que 12,20% das mulheres estão nesse grupo classificatório.

Apesar do desempenho superior do sexo masculino, a maioria dos respondentes de ambos os gêneros estão enquadrados com possuidores de baixo nível de conhecimento financeiro.

4.4 ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR CURSO

De acordo com os achados do estudo de Portrich, Vieira e Ceretta (2013), o curso no qual o universitário está matriculado tem influência sobre seu nível de educação financeira. Neste trabalho foram entrevistados alunos

de quatro cursos diferentes cursos: Administração, Ciências Contábeis, Educação Física e Psicologia A distribuição das respostas aos questionários conforme o curso em que o respondente estava matriculado está evidenciada na tabela 9:

TABELA 9 – DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS POR CURSO

	Questão 1		Questão 2		Questão 3	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Administração						
Corretas	153	81,38%	132	70,21%	62	32,98%
Erradas	20	10,64%	31	16,49%	114	60,64%
Não Sabe	15	7,98%	25	13,30%	12	6,38%
Total	188		188		188	
C. Contábeis						
Corretas	81	93,10%	64	73,56%	19	21,84%
Erradas	1	1,15%	15	17,24%	63	72,41%
Não Sabe	5	5,75%	8	9,20%	5	5,75%
Total	87		87		87	
Ed. Física						
Corretas	63	75,90%	59	71,08%	27	32,53%
Erradas	15	18,07%	17	20,48%	48	57,83%
Não Sabe	5	6,02%	7	8,43%	8	9,64%
Total	83		83		83	
Psicologia						
Corretas	82	77,36%	49	46,23%	27	25,47%
Erradas	14	13,21%	22	20,75%	55	51,89%
Não Sabe	10	9,43%	35	33,02%	24	22,64%
Total	106		106		106	

Fonte: Elaborado pelo autor

Observa-se que como nas outras formas de classificação, a questão 1 obteve um alto índice de acertos, com destaque para o curso de ciências contábeis, que obteve 93,10% de acertos, sendo que apenas um formulário dos alunos desse curso possuía a questão 1 com resposta incorreta.

No entanto, ao analisar a questão 3, o mesmo curso que se destacou na questão 1 obtém o índice mais baixo de acertos dos quatro cursos, 21,84%. Na questão 2 o alunos do curso de psicologia apresentam um alto índice de respostas “não sabe”, 33,02%, cerca de três vezes superior aos percentuais encontrados nos outros três cursos.

Quando analisado o número de acertos de cada questionário de acordo com os cursos dos participantes, observa-se um desempenho superior nos respondentes matriculados no curso de administração, como pode ser observado na tabela10:

TABELA 10 – DISTRIBUIÇÃO DE NÚMERO DE ACERTOS POR QUESTIONÁRIO POR CURSO

	3 acertos	2 acertos	1 acerto	0 acerto	Total
Administração					
Quantidade	45	91	30	22	188
%	23,94%	48,40%	15,96%	11,70%	100,00%
C. Contábeis					
Quantidade	15	54	13	5	87
%	17,24%	62,07%	14,94%	5,75%	100,00%
Ed. Física					
Quantidade	13	49	17	4	83
%	15,66%	59,04%	20,48%	4,82%	100,00%
Psicologia					
Quantidade	15	40	40	11	106
%	14,15%	37,74%	37,74%	10,38%	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com a tabela 10, 23,94% dos estudantes de administração acertaram a totalidade das questões do questionário. No curso de psicologia apenas 14,15% dos respondentes acertaram todas as questões, sendo o menor índice dos quatro cursos analisados.

Conforme os padrões de mensuração estabelecidos nesse trabalho, pode se afirmar que a maioria dos respondentes de todos os cursos analisados (64,36% dos alunos de administração, 77,01% dos alunos de ciências contábeis, 79,52% dos alunos de educação física e 75,48% dos alunos de psicologia) estão classificados como detentores de baixo conhecimento financeiro.

4.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para a continuidade da análise foi utilizado o método de regressão logística, conforme explicado na metodologia dessa pesquisa. Foram rodadas regressões para verificar a influência dos itens idade, gênero e curso para a definição do respondente como possuidor de baixo conhecimento financeiro ou moderado/alto. Como será demonstrado, o curso de Administração e o gênero masculino obtiveram influência positiva relevante quanto ao nível de conhecimento financeiro dos respondentes.

Os dados foram analisados primeiramente com os itens idade e curso juntamente com o sexo masculino e posteriormente os mesmos itens com o sexo feminino. Os resultados obtidos estão nas tabelas 11 e 12.

TABELA 11 – REGRESSÃO LOGÍSTICA 1

Predictor	Coef	SE Coef	Z	P	Relación de probabilidades
Constante	-2,05597	0,846738	-2,43	0,015	
Idade	0,0322626	0,0339557	0,95	0,342	1,03
Curso_Administração	0,643499	0,375405	1,71	0,087	1,90
Curso_Ciências Contábeis	0,142664	0,450095	0,32	0,751	1,15
Curso_Educação Física	-0,0834178	0,465920	-0,18	0,858	0,92
Gênero_feminino	-1,04905	0,262693	-3,99	0,000	0,35
Medidas de asociación:					
(Entre la variable de respuesta y las probabilidades pronosticadas)					
Pares	Número	Porcentaje	Medidas de resumen		
Concordante	20459	66,6	D de Somers		0,35
Discordante	9805	31,9	Gamma de Goodman-Kruskal		0,35
Empates	456	1,5	Tau-a de Kendall		0,10
Total	30720	100,0			

Fonte: Elaborado pelo autor

TABELA 12 – REGRESSÃO LOGÍSTICA 2

Predictor	Coef	SE Coef	Z	P	Relación de probabilidades
Constante	-3,18843	0,899418	-3,54	0,000	
Idade	0,0322626	0,0339557	0,95	0,342	1,03
Curso_Administração	0,726917	0,365332	1,99	0,047	2,07
Curso_Ciências Contábeis	0,226082	0,444289	0,51	0,611	1,25
Curso_Psicologia	0,0834178	0,465920	0,18	0,858	1,09
Gênero_masculino	1,04905	0,262693	3,99	0,000	2,85

Medidas de asociación:
(Entre la variable de respuesta y las probabilidades pronosticadas)

Pares	Número	Porcentaje	Medidas de resumen	
Concordante	20459	66,6	D de Somers	0,35
Discordante	9805	31,9	Gamma de Goodman-Kruskal	0,35
Empates	456	1,5	Tau-a de Kendall	0,10
Total	30720	100,0		

Fonte: Elaborado pelo autor

A equação encontrada para o sexo feminino foi:

$$Y' = -2,05597 + 0,643499 * \text{Curso_Adm} - 1,04905 * \text{gênero-feminino}$$

A equação encontrada para o sexo masculino foi:

$$Y' = -3,18843 + 0,726917 * \text{Curso_Adm} + 1,04905 * \text{Genero_masculino}$$

onde Y é a variável conhecimento financeiro: alto/moderado ou baixo

A partir dessas informações encontradas, pode-se concluir de acordo com o modelo estatístico que:

- **Variável Curso_Adm ()**: a cada aumento de uma unidade **Curso_Adm**, a chance de nível de educação financeira aumenta 90% ou (aumenta 1,90 vezes).
- **Variável gênero_feminino (sexo)**: a cada aumento de uma unidade **genero-feminino**, a chance de nível de educação financeira diminui 65% ou (diminui 0,35 vezes).
- **Variável Curso_Adm ()**: a cada aumento de uma unidade na **Curso_Adm**, a chance de nível de educação financeira aumento 107% ou (aumento 2,07 vezes).

- **Variável gênero_masculino (sexo):** a cada aumento de uma unidade **genero-maculino**, a chance de nível de educação financeira aumenta 185% ou (aumenta 2,85 vezes).

As variáveis idade, Curso_Ciências Contábeis, Curso_Psicologia e Curso_Educação Física não foram significativas.

Concluiu-se que o curso de Administração aumenta a possibilidade de que o respondente possua conhecimento financeiro alto ou moderado. A conclusão estatística reforça os dados encontrados na tabela nove, que apontou um maior percentual de respondentes que acertaram as três questões entre os alunos do curso de Administração.

Esse dado é justificado pelo fato de que os cursos de administração normalmente os alunos tem de 5 até 10 disciplinas de finanças, o que os torna por princípio mais preparados para administrar suas finanças de forma geral.

Ser pertencente ao sexo masculino também aumentou a probabilidade de o respondente possuir conhecimento financeiro moderado ou alto, fato esse também comprovado nas análises de frequência realizadas anteriormente nesse capítulo.

Os outros cursos analisados não influenciaram de maneira significativa o conhecimento financeiro alto ou moderado. A variável idade não teve influência significativa uma vez que todos os respondentes são pertencentes à mesma geração.

4.6 ANÁLISE GERAL DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS

As respostas aos questionários foram analisadas de maneira conjunta para observar os resultados agrupados, os dados estão demonstrados na tabela 13:

TABELA 13 – DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

	Questão 1	%	Questão 2	%	Questão 3	%
Corretas	378	81,47%	301	64,87%	138	29,74%
Erradas	51	10,99%	84	18,10%	280	60,34%
Não Sabe	35	7,54%	79	17,03%	46	9,91%
Total	464		464		464	

Fonte: Elaborado pelo autor

Os dados apresentados na tabela 13 demonstram que, semelhantemente aos achados de Lusardi, Mitchell e Curto (2010) ao aplicarem o questionário a jovens de 23 a 28 anos, a questão 1 obteve o maior índice de acerto, 81,47%, seguida pela questão 2 com 64,87% de acertos.

Embora a questão 3 tenha sido adaptada e diferenciada do questionário inicial de Lusardi e Mitchell (2006), essa questão também obteve o menor índice de acertos, 29,74%. Pode-se inferir que a medida que se aumenta o grau de complexidade das perguntas, diminui-se o número de acertos por parte dos respondentes.

O percentual de pessoas que marcaram a opção “não sabe” foi maior na questão 2, 17,03%. A questão 3 obteve um baixo índice de pessoas escolhendo a opção “não sabe”, apenas 9,91%, ante um número de erros de 60,34%, o que demonstra que a maioria dos respondentes julgava saber a resposta dessa questão, mas estavam equivocados.

Devido ao alto índice de erros na questão 3, foram analisadas as respostas e observou-se que 71,42% das respostas incorretas foram na alternativa que afirma que o valor recebido pelos dois exemplos citados é exatamente o mesmo, o que denota um desconhecimento quanto ao valor do dinheiro no tempo.

Em diversos questionários havia rascunhos de tentativas de cálculos, mesmo que as questões não exigissem nenhum tipo de cálculo para a resposta. Interessante notar que todos os questionários em que havia contas rascunhadas tiveram as respostas incorretas.

Quanto ao total de questões respondidas corretamente pelos

participantes, encontrou-se a distribuição apresentada na tabela 14.

TABELA 14 – DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE ACERTOS

	3 acertos	2 acertos	1 acerto	0 acerto	Total
Quantidade	80	237	102	45	464
%	17,24%	51,08%	21,98%	9,70%	100,00%

Fonte: Elaborada pelo autor

Nota-se que apenas 17,24% dos respondentes conseguiram acertar as três questões propostas e 9,70% não acertou nenhuma das questões, 73,06% dos respondentes acertaram uma ou duas questões.

Foram apresentadas na introdução deste trabalho duas possíveis hipóteses para a conclusão do estudo:

H_0 : Os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo possuem um nível de conhecimento financeiro considerado baixo.

H_1 : Os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo possuem um nível de conhecimento financeiro considerado moderado ou alto.

No item referente a metodologia, foi apresentado como critério de determinação do nível de conhecimento financeiro o número de acertos das questões, sendo considerados com nível baixo de conhecimento financeiro os respondentes que acertaram uma ou duas questões.

Os respondentes que responderam as três questões corretamente foram considerados com conhecimento financeiro moderado ou alto. Aqueles que responderam de maneira incorreta todas as questões ou responderam que não sabiam as três questões, foram considerados sem nenhum nível de conhecimento financeiro.

Com os dados obtidos pode-se aceitar a hipótese H_0 e rejeitar a hipótese H_1 pois apenas 17,24% dos respondentes acertaram todas as questões e podem ser considerados com conhecimento financeiro moderado ou alto.

Os respondentes considerados sem nenhum nível de conhecimento financeiro somaram 9,70%, são aqueles que não obtiveram nenhum acerto nas questões. A grande maioria dos entrevistados, 73,06%, é considerado com baixo conhecimento financeiro, pois acertaram uma ou duas questões.

Os resultados obtidos estão em coerência com as pesquisas utilizadas no referencial teórico que apontaram para a carência de conhecimento financeiro da geração Y (REED, 2008; LUSARDI; MITCHELL, 2010; CUDMORE et al, 2010).

Os dados obtidos revelam que existe uma necessidade de investimentos no processo de educar financeiramente os jovens da geração Y, pois essa carência de conhecimentos financeiro pode trazer impactos em diversos setores no decorrer da vida útil desses jovens e também em seu período de aposentadoria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe com problema de pesquisa a questão: Qual o nível de conhecimento financeiro encontrado entre os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na região sul de São Paulo? E como objetivo geral: Analisar o nível de conhecimento financeiro encontrado entre os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na região sul de São Paulo. Foram estabelecidas duas hipóteses:

H_0 : Os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo possuem um nível de conhecimento financeiro considerado baixo.

H_1 : Os jovens da geração Y estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo possuem um nível de conhecimento financeiro considerado moderado ou alto.

A partir dos dados obtidos concluiu-se que a hipótese H_0 pode ser aceita como verdadeira, uma vez que a maioria dos jovens respondentes das pesquisas, 73,06% acertaram apenas uma ou duas questões do questionário proposto, o que revelou um nível de conhecimento financeiro considerado baixo.

Através da análise da logística binária e também das frequências relacionadas a faixa etária, gênero e curso, foi possível obter algumas conclusões importantes.

Quanto a faixa etária, notou-se que ela foi estatisticamente irrelevantes, uma vez que os jovens entrevistados são todos participantes da mesma geração. No entanto na frequência, pode-se perceber que a medida que os jovens adquirem idade, seu conhecimento financeiro aumenta. Isso pode se dar tanto pelo tempo de estudo quanto pela experiência de vida, através da qual as pessoas tendem a aprender com os erros e acertos cometidos.

No item gênero, como em outros estudos analisados no referencial teórico, comprovou-se um menor nível de conhecimento financeiro entre as

mulheres. Esse assunto deve constituir-se em uma preocupação para a sociedade. Estudos precisam ser empreendidos para identificarem-se as razões para essa diferença de conhecimento financeiro entre os gêneros.

Uma possível causa desta dificuldade pode ser o domínio do gênero masculino por anos na sociedade, que impediu muitas vezes as mulheres de estudar e trabalhar no mercado de trabalho. Essa má herança pode estar sendo refletida pelas mães nas filhas que hoje são membros da geração Y. Estudos posteriores poderão revelar que mulheres das próximas gerações obterão um melhor desempenho nesse tipo de análise.

Na variável curso, uma discussão pode ser levantada. Sendo que os cursos de Administração e Ciências Contábeis possuem um grande número de disciplinas em comum, porque esse obteve um desempenho inferior àquele? Essa questão se torna ainda mais intrigante ao se considerar que o curso de Ciências Contábeis possui ainda maior familiaridade com cálculos e controles financeiros e obteve um desempenho muito semelhante aos cursos de Educação Física e Psicologia, que não possuem qualquer disciplina na área financeira.

Diversos itens poderiam ser analisados para se descobrir as possíveis causas dessa discrepância. O ano de curso que os respondentes de cada curso pertencem, a espécie de atividade profissional exercida, as disciplinas do curso de Ciências Contábeis em questão, entre outras, são variáveis a serem consideradas em estudos posteriores.

No que tange aos objetivos específicos, os três itens propostos foram alcançados. O primeiro objetivo específico foi compreender os termos relacionados com a educação financeira. Um debate foi estabelecido no referencial teórico quanto aos melhores termos na língua portuguesa correspondentes aos construtos utilizados em língua inglesa. Foram analisadas publicações em português com os termos alfabetização financeira e educação financeira. Como conclusão, foi proposto que *financial knowledge* tem seu melhor correspondente em conhecimento financeiro; *financial education* em educação financeira básica e *financial literacy* em Educação Financeira.

O segundo objetivo específico se propõe à compreender as diferenças de perfil dos jovens da geração Y. Para este fim, foram apresentadas no referencial teórico as características dos jovens da geração Y em comparação com outras gerações, demonstrando seu interesse em inovação, gosto por mudanças, preocupações éticas e ambientais mais aguçadas e a procura intensa por realização pessoal no trabalho. Esses itens são encontrados com menor intensidade nas outras gerações estudadas, o que demonstra uma diferença significativa no perfil da referida geração.

O terceiro objetivo específico foi Estudar as relações dos jovens da geração Y com a educação financeira. Esse item foi alcançado através da análise dos debates sobre o conhecimento financeiro relacionado com a geração Y. Foram apresentados estudos no referencial teórico e também analisados os dados encontrados na pesquisa realizada. Através das conclusões foi possível inferir que, de acordo com os autores apresentados e com os achados da pesquisa, existe uma necessidade de investimentos para desenvolver a referida geração no contexto das finanças, uma vez que esse grupo possui carência de conhecimentos nessa área.

Finalizando, destacam-se as possíveis contribuições dessa pesquisa tanto para área acadêmica quanto profissional, uma vez que fez parte dos requisitos de um curso de mestrado profissional em administração. Este estudo torna-se importante também por seu caráter pioneiro ao oferecer uma análise do nível de conhecimento financeiro dos jovens da geração Y no contexto de uma grande metrópole como cidade de São Paulo.

Podem se beneficiar dos resultado encontrados neste trabalho, as instituições financeiras e de crédito, para moldar os produtos e serviços oferecidos a esse público; os governos, demonstrando a necessidade de orientação dos jovens quanto a questões financeiras; os próprios jovens dessa geração, alertando-os quanto a necessidade de ampliar suas bases de conhecimento financeiro; Empresas que oferecem produtos e serviços para os jovens.

Como limitações desse trabalho apresenta-se o fato de ter-se trabalhando com apenas uma geração e em uma região específica da cidade.

Sugere-se para novas pesquisas uma aplicação mais ampla de questionários que considere outras gerações e possam ser comparados os resultados e também estudos que tracem um perfil relacionado com renda, escolaridade, oportunidades de educação financeira em casa e tópicos relacionados. Podem ainda ser empreendidos estudos em outros centros universitários e os resultados comparados com os resultados obtidos nessa pesquisa para se analisar o nível de conhecimento financeiro em diferentes perfis de universitários.

REFERÊNCIAS

AGARWAL, S. et al. **The age of reason: financial decisions over the life-cycle with implications for regulation**. Oct. 2009. SSRN Working Paper Series.

ALLEN, P. Welcoming Y. **Benefits Canada**, Toronto, v. 28, n. 9, p. 51-53, Sept. 2004.

BEAL, D. J.; DELPACHITRA, S. B. Financial literacy among australian university students. **Economic Papers**, Carlton, v. 22, n. 1, p. 65-78, Mar. 2003.

BEHRMAN, J. R. et al. **Financial literacy, schooling, and wealth accumulation**. Oct. 2010. NBER Working Paper, n. 16452.

BERNHEIM, B. D., GARRETT, D. M.; MAKI, D. M. Education and saving: the long-term effects of high school financial curriculum mandates. **Journal of Public Economics**, Amsterdam, v. 80, n. 3, p. 435-465, June 2001.

BODNAR, J. **Raising money smart kids: what they need to know about money and how to tell them**. Chicago: Dearborn Trade Publishing: 2005.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Decreto nº 7.397 de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2010.

BROWN, S. C. Where this path may lead: understanding career decision-making for postcollege life. **Journal of College Student Development**, Washington, D.C., v. 45, n. 4, p. 375-390, 2004.

CALLIARI, M.; MOTTA, A. **Código Y: decifrando a geração que está mudando o país**. São Paulo: Évora, 2012.

- CENNAMO, C.; GARDNER, D. Generational differences in work values, outcomes and person-organisation values fit. **Journal of Managerial Psychology**. Bradford, v. 23, n. 8, p. 891-906, 2008.
- CHINEN, K.; ENDO, H. Effects of attitude and background on personal financial ability: a student survey in the united states. **International Journal of Management**, Poole, v. 29, n. 1, p. 33-45, Mar. 2012.
- COIMBRA, R. G. C.; SCHIKMANN, R. A geração net. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25., 2001, Campinas. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2001.
- CONCI, P. Young adults found to lack personal finance skills. **Columbia News Service**, New York, 13 maio 2008. Disponível em: <http://jscms.jrn.columbia.edu/cns/2008-05-13/conci-teenagersmoney>>. Acesso em: 10 de jun. de 2014.
- CORDEIRO, H. T. D. et al. A questão das gerações no campo da gestão de pessoas: tema emergente? In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 15., 2012, São Paulo. **Anais**. São Paulo: SEMEAD, 2012.
- CROSSAN, D.; FESLIER, D.; HURNARD, R. Financial literacy and retirement planning in New Zealand. **Journal of Pension Economics & Finance**, Cambridge, v. 10, n. 4, p. 619-635, Oct. 2011.
- CUDMORE, B. A. et al. The millennials and money management. **Journal of Management and Marketing Research**, Jacksonville, v. 4, p. 1-28, Mar. 2010.
- CULL, M.; WHITTON, D. University students' financial literacy levels: obstacles and Aids. **The Economic and Labour Relations Review : ELRR**, Sydney, v. 22, n. 1, p. 99-114, May 2011.
- DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS. **DNA paulistano**: a mais abrangente pesquisa de opinião sobre a relação dos paulistanos com sua cidade. São Paulo: Publifolha, 2010.
- DONADIO, R.; CAMPANARIO, M. A.; RANGEL, A. S. O papel da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos

consumidores brasileiros. **Revista Brasileira de Marketing**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 75-93, jan./abr. 2012.

DENCKER, J. C.; JOSHI, A.; MARTOCCHIO, J. J. Towards a theoretical framework linking generational memories to workplace attitudes and behaviors. **Human Resource Management Review**, Greenwich, v. 18, n. 3, p. 180, Sept. 2008.

EDMUNDS, J.; TURNER, B. S. Global generations: social change in the twentieth century. **The British Journal of Sociology**, London, v. 56, n. 4, p. 559-577, Dec. 2005.

EISNER, S. P. Managing generation Y. **S. A. M. Advanced Management Journal**, Corpus Christi, v. 70, n. 4, p. 4-15, Autumn 2005.

FOX, L.; HOFFMANN, J. Federal reserve personal financial education Initiatives. **Federal Reserve Bulletin**, Washington, v. 90, n. 4, p. 447-457, Autumn 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAIR JR., J. F. et al. **Análise multivariada de dados**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HEANEY, J. Generations X and Y's internet banking usage in Australia. **Journal of Financial Services Marketing**, v. 11, n. 3, p. 196-210, Feb. 2007.

HERBIG, P. A.; BORSTORFF, P. Japan's Shinjinrui: the new breed. **International Journal of Social Economics**, Bradford, v. 22, n. 12, p. 49-65, 1995.

HILL, M. M.; HILL, A. **Investigação por questionário**. 2. ed. Lisboa: Sílabo, 2002.

HILL, N. **Quem pensa enriquece**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

HILGERT, M. A.; HOGARTH, J. M.; BEVERLY, S. G. Household financial management: the connection between knowledge and behavior. **Federal Reserve Bulletin**, Washington, v. 89, n. 7, p. 309, July 2003.

HUNG, A. A.; PARKER, A. M.; YOONG, J. K. **Defining and measuring financial literacy**. Sept. 2009. RAND Working Paper Series WR-708. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1498674> Acesso em: 12 de jun. de 2014.

HUSTON, S. J. Measuring financial literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, Madison, v. 4, n. 2, p. 296-316, Summer 2010.

JOO, S.; GARMAN, E. T. The potential effects of workplace financial education based on the relationship between personal financial wellness and worker job productivity. **Personal Finances and Worker Productivity**, [S. l.] v. 2, n. 1, p. 163-174, June 2008.

KEZAR, A.; YANG, H. The importance of financial literacy. **About Campus**, San Francisco, v. 14, n. 6, p. 15-21, Feb. 2010.

KLAPPER, L.; LUSARDI, A.; PANOS, G. A. Financial literacy and the financial crisis: evidence from Russia. Mar. 2011. **SSRN Working Paper Series**.

KRIZEK, T.; HRADIL, D. Financial literacy of university students: methodology and results of an online survey. **International Journal of Business and Social Science**, New York, v. 3, n. 22 Nov. 2012.

LUSARDI, A. **Financial Literacy**: an essential tool for informed consumer choice? July 2008. Paolo Baffi Centre Research Paper Series, n. 2009-35.

_____; MITCHELL, O.S. **Financial literacy and planning**: implications for retirement wellbeing. Oct. 2006. Pension Research Council Working Paper, n. 1.

_____; _____. Baby boomer retirement security: the roles of planning, financial literacy, and housing wealth. **Journal of Monetary Economics**, Amsterdam, v. 54, n. 1, p. 205-224, Jan. 2007.

_____; _____. Planning and financial literacy: how do women fare? **The American Economic Review**. Nashville, v. 98, n. 2, p. 413-417. May 2008.

_____; _____. Financial literacy and retirement planning in the United States. **Journal of Pension Economics & Finance**, Cambridge, v. 10, n. 4, p. 509-525, Oct. 2011a.

_____; _____. Financial literacy around the world: an overview. **Journal of Pension Economics & Finance**, Cambridge, v. 10, n. 4, p. 497-508, Oct. 2011b.

_____; _____. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. **Journal of Economic Literature**, Nashville, v. 52, n. 1, p. 5-44, Mar. 2013

_____; _____. CURTO, V. **Financial literacy among the young**: evidence and implications for consumer policy. Nov. 2010. SSRN Working Paper Series.

_____; TUFANO, P. Teach workers about the perils of debt. **Harvard Business Review**, Boston, v. 87, n. 11, p. 22-24, Nov. 2009.

MANDELL, L.; KLEIN, L. S. The impact of financial literacy education on subsequent financial behavior. **Journal of Financial Counseling and Planning**, Columbus, v. 20, n. 1, p. 15-24, 2009.

MANKIW, N. G. **Introdução à economia**: princípios de micro e macroeconomia. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MARTIN, C.; TULGAN, B. **Managing generation Y**: global citizens born in the late seventies and early eighties. Amherst: HRD Press, 2001.

MEIER, S.; SPRENGER, C. D. Discounting financial literacy: time preferences and participation in financial education programs. **Journal of Economic Behavior & Organization**, Amsterdam, v. 95, n. 5, p. 159, Nov. 2012.

MCCORMICK, M. H. The effectiveness of youth financial education: a review of the literature. **Journal of Financial Counseling and Planning**, Columbus, v. 20, n. 1, p. 70-83. 2009.

NAYYAR, S. Inside the mind of Gen Y. **American Demographics**, Detroit, v. 23, n. 9, p. 6, Sept. 2001.

NGA; J. K. H.; YONG; L. H. L.; SELLAPPAN, R. D. A study of financial awareness among youths. **Young Consumers**, Bradford, v. 11, n. 4, p. 277-290, 2010.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness**. July 2005. Disponível em: < <http://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Measuring financial literacy: core questionnaire in measuring financial literacy**: questionnaire and guidance notes for conducting an internationally comparable survey of financial literacy. Paris, 2011.

OGG, J.; BONVALET, C. The baby-boomer generation and the birth cohort of 1945-1954: a European perspective. In: **ESRC SOCIAL SCIENCE WEEK, 10th**, 2006, Swindon. **Proceedings**. Swindon: ESRG-AHRC, 2006.

OLIVEIRA, S. **Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes**. São Paulo: Integrare. 2010.

_____. **Geração Y: ser potencial ou ser talento**. São Paulo: Integrare. 2011.

OSEIFUAH, E. K. Financial literacy and youth entrepreneurship in South Africa. **African Journal of Economic and Management Studies**, Bingley, v. 1, n. 2, p. 164-182, 2010.

PORTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, Campo Largo, v. 12, n. 3, p. 314-333, set. 2013. Disponível em: <<http://revistas.facecla.com.br/index.php/recadm/doi:10.539/recadm.201302>>. Acesso em: 15 jun. 2014

RAO, M. **Marketing to youth? get mobile!** [2010]. Disponível em: <<http://www.techsparks.com/Marketing-to-youth-get-mobile.html>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

REED, M. **Student debt and the class of 2007**. [S. l.]: The Project on Student Debt, 2008. Disponível em: <<http://projectonstudentdebt.org/files/pub/classof2007.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **The Journal of Consumer Affairs**, Madison, v. 44, n. 2, p. 276-295, Summer 2010.

ROBERTS, J. A.; JONES, E. Money attitudes, credit card use, and compulsive buying among college students, **The Journal of Consumer Affairs**, Madison, v. 35, n. 2, p. 213-240, Winter 2001.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, nov./dez. 2007.

SCHAGEN, S.; LINES, A. **Financial Literacy in adult life**: a report to the Natwest Group Charitable Trust. Slough, Berkshire: NFER, 1996.

SCHFFMAN, L. G.; KANUK, L. L. **Comportamento do consumidor**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

SHRYK. **Shryk needs to understand the market IT is targeting**. 2008. Alarm:Clock.com [Weblog post]. Disponível em: <http://www.thealarmclock.com>. Acesso em 15 de jun. 2014.

SWEENEY, D. J.; WILLIAMS, T. A.; ANDERSON, D. R. **Estatística aplicada à administração e economia**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

TANG, T. L. The meaning of money revisited. **Journal of Organizational Behavior**, Chichester, v. 13, n. 2, p. 197-202, Mar. 1992.

TAPSCOTT, D. **Growing up digital: the rise of the net generation**. New York: McGraw-Hill, 1999.

TWENGE, J. M.; CAMPBELL, S. M. Generational differences in psychological traits and their impact on the workplace. **Journal of Managerial Psychology**, Bradford, v. 23, n. 8, p. 862-877, 2008.

UNITE, J. et al. Carrers and age: career success for older and younger workers. In: BRISCOE, J. P.; HALL, D. T.; MAYHOFER, W. (Eds.). **Careers around the world: individual and contextual perspectives**. Nova York: Routledge, 2012. p. 118-144.

VAN ROOIJ, M.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. J. M. **Financial literacy and stock market participation**. Oct. 2011. SSRN Working Paper Series.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S. Carreiras sem fronteiras na gestão pessoal da transição profissional: um estudo com ex-funcionários de uma instituição privatizada. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.15, n.5, p. 834-854. set./out. 2011.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

WILLIAMS, K. C.; PAGE, R. A. Marketing to the generations. **Journal of Behavioral Studies in Business**, Jacksonville, v. 3, p. 1-17, Apr. 2011.

WILLIS, L. E. The financial education fallacy. **The American Economic Review**, Nashville, v. 101, n. 3, p. 429-434, May 2011.

WOOLDRIDGE, J. M. **Introdução à econometria: uma abordagem moderna**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning. 2011.

WORTHINGTON, A. C. Predicting financial literacy in Australia. **Financial Services Review**, Atlanta, v. 15, n. 1, p. 59-79, Spring 2006.

YATES, D.; WARD, C. Financial literacy: examining the knowledge transfer of personal finance from high school to college to adulthood. **American Journal of Business Education**, Littleton, v. 4, n. 1, p. 65-78, Jan. 2011.

ANEXO A – INSTRUMENTO DE PESQUISA**QUESTIONÁRIO SOBRE CONHECIMENTO FINANCEIRO**

Esse questionário é anônimo e seus dados confidenciais, NÃO COLOQUE SEU NOME.

DADOS PESSOAIS

Data de Nascimento __/__/__

Gênero: () Masculino () Feminino

QUESTÕES

Marque um "X" na resposta correta. Caso não saiba a resposta, marque um "X" na opção "d"

1) Suponha que você tenha R\$ 100,00 em uma conta de poupança e a taxa de retorno seja de 6% ao ano. Após 5 anos, quanto você terá na conta se deixou o dinheiro para render:

- a) mais de R\$ 106,00
- b) exatamente R\$ 106,00
- c) menos de R\$ 106,00
- d) não sei a resposta

2) Imagine que a taxa de retorno em sua conta de poupança foi de 6% ao ano e a inflação foi de 12% ao ano. Depois de 1 ano, você seria capaz de comprar com esse dinheiro:

- a) mais itens do que antes
- b) exatamente a mesma quantidade de itens que antes
- c) menos itens do que antes
- d) não sei a resposta

3 - Suponha que José herde R\$ 10.000,00 hoje e Pedro herde R\$ 10.000,00 daqui a 3 anos. Devido ao recebimento da herança, quem terá um valor maior?

- a) José
- b) Pedro
- c) terão a mesma quantia
- d) não sei a resposta